Resenha Musical

Diretor: Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

Ano III • SÃO PAULO, Outubro e Novembro de 1940 • Ns. 26 e 27

Santa Cecilia

Padroeira dos Músicos

Indicador Profissional

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas 20$000.

Numero avulso: 3$000
Suplemento avulso: 3$000

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artisticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas cronicas assinadas.

RESENHA MUSICAL não mais será enviada ás pessôas que não tomaram sua assinatura.

Colaboração escolhida e solicitada. RESENHA MUSICAL não devolve originais.

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, numeros atrazados, extraviados ou anteriores á data da assinatura.

Música Popular Brasileira

Dr. Ulysses PARANHOS

Da Academia Paulista de Letras e da Escola de Belas Artes de São Paulo — Conferência pronunciada no Teatro do Liceu S. Coração de Jesus, em S. Paulo em 28 de Setembro passado.

A pequena conferencia que vou fazer constará de duas partes, ambas seguidas de uma parte musical. Na primeira, falaremos sobre certas fórmas musicais brasileiras; na segunda, disertarei sobre alguns elementos representativos da musa popular que, espontaneamente, assimilaram, em suas produções, a música nacional. Ouviremos, então, em aprimoradas execuções, artistas e amadores de nossas escolas de arte.

É necessario que se confesse, desde já, que poucos documentos informativos existem sobre nossa música popular, provinda da vida colonial, e mesmo do 1.° Imperio. Somente, agora, começamos a encarar o assunto criteriosamente e com espirito positivo; faz-se preciso, neste ponto, prestar uma homenagem, muito particular, ao esforço de um musicólogo paulista, o sr. Mario de Andrade, que muito tem feito para que se elucide, por um método coerente, os numerosos problemas referentes a nossa música, — a nossa folcmúsica popular, — na expressão feliz de Luiz Heitor, atual catedrático do Folclore musical da Escola Nacional de Música.

Um povo sem individualidade étnica, como é o brasileiro, ainda na fase confusa de transformação, oriundo da mescla de prêtos, indigenas, lusos, espanhois, holandeses, e de outras raças que, todos os dias, desembarcam em nossas plagas, deve ter por força das circunstancias, uma música popular representativa das cantigas e dansas de cada uma das migrações que entram em sua formação, absorvendo da fusão delas os seus motivos rítmicos e a sua inspiração.

Assim, do amerindio, nos ficou o **chocálho,** adoção moderna, — do **maracá** guaraní e o **boré, trom**beta feita de bambú, e muito usada entre os sertanejos do Ceará, e, ritmicamente certas formas poéticas, determinando, no canto, a adatação do rifão curto, depois de cada verso da estrofe. Êsse processo se depara, em muitas canções, de nossos tempos; aqui ficam dois padrões atuais, demons-

trativos do processo estilisado pelo indigena brasileiro:

Cha munham muracé
Uacará
Cha ricó ce patrão
Uacará
Che re raça arama
Uacará

(Barbosa Rodrigues)

ou:

Vou-me embora, vou-me embora,
Prenda minha,
Tenho muito que fazer;
Tenho de ir parar rodeio,
Prenda minha,
Nos campos de Bemquerer!

(Mario de Andrade)

Em nossas dansas a influencia amerindia é consideravel. Começa com o **cateretê,** bailado existente entre os guaranís paulistas antes da colonisação, e que Anchieta aproveitou na catequése, introduzindo-o nas festas religiosas da Santa Cruz e do Espírito Santo. Êste uso ainda subsiste no Interior de alguns Estados meridionais e do Centro do Brasil. O **cateretê,** sendo cantado em versos, adaptaveis a situação, desenvolve a inteligencia e a memoria e foi, talvês, uma das fontes de inspiração de nossos violeiros e seresteiros.

Os **cabocolinhos,** — nome dado a diversos bailados muito espalhados pelo nordéste brasileiro — são de procedencia indigena e objetivam cênas interessantes do viver da comunidade amerindia.

Ainda aparece a influencia tribal, bem nítida, nos atuais córos e desafios onde é utilisado o ritmo dialogal.

Às vezes, regista-se, nos cantos sertanejos, reminiscências de música religiosa. E ouvimos a monodia do **canto chão** nos labios côr de pitanga da cabocla bonita.

O africano tambem colaborou na gênese do canto popular nacional. Entre os cantos de origem negra estão o **acalanto,** a **berceuse** brasileira, o **chula** e o **lundú.**

Estes são os cantos de origem africana que tem nomes especiais; existem outros que possuem denominação incerta , variavel, conforme o lugar de origem.

O **acalanto** veio da época da escravidão: esse termo é uma deformação glótica de **acalento.** Constitui-se de pequenos periodos com versos próprios, às vezes sem rima, e que se cantam, com vóz monótona, cadenciada, para adormentar as crianças. O seu ritmo lento, é delicioso, como poesia e sentimento melódico:

Dorme, dorme, filinho,
Dorme anjinho inocente (bis)
Dorme, meu queridinho,
Tua mãe está contente.

(Rodrigues Valle)

Dos acalantos nenhum, porem, tem mais meiguice e ternura do que o **"Tutú Marambá",** padrão da nossa canção de ninar, onde se retrata a doçura infinita da alma de nossa mãe. São de **"Tutú Marambá"** os seguintes versos escritos por Olegario Mariano:

"No berço de rendas, com brocardos de [oiro,
Os olhinhos redondos de espanto e alegria,
Ele olha a vida, como quem olha um [tesouro.
— Meu filho é o mais lindo desta fre- [guezia!"

Todos os acalantos são profundamente comoventes, possuem um saudosismo enternecedor, envolvem nosso coração num véo de recordações, tão cheio de lembranças que as lá-

grimas, sem querer, molham-nos os olhos.

O **chula** é uma canção brejeira, de procedencia africana, entoada nos folguedos de gente humilde, com versos improvisados e meneios dos quadris, invocando, quasi sempre, cênas lascivas. É uma forma democraticissima do lundú. **Lundú** não é sinónimo de modinha, como muitos pensam. Os **lundús** são verdadeiras cançonetas e diferem das modinhas pela ausencia do sentimento poético, brasileiramente sentimental. Sobra-lhes, vivacidade, contentamento, causticidade. Em meio de um tom picante, muitas vezes, torna-se uma satira corrosiva, mordaz, a costumes e tipos e que ferem profundamente, como uma ferrotada de abelha. Isso sem ofensa grave à moral, o que fálo afastar do **chula** onde a presença da obscenidade é geralmente a regra.

O lundú brasileiro, no século XVIII, fez um sucesso louco em Portugal. Quando o mulato Caldas de casaca de seda e cabeleira arripiada repenicava a viola, nos salões da Marquêsa de Aguiar, a nobresa lusitana sentia cocegas na alma e remechimentos no corpo.

Da passagem, apontamos a existencia de lundús que se aproximam bastante, na sua forma, das cançonetas francêsas que têm o estribilho após as coplas e também das baladas, romances dos trovadores, figurantes nos antigos cancioneiros.

Dia a dia, as pesquisas confirmam a tése de que a música popular possue carater internacional. Isso se confirma, frequentemente, na música brasileira: Augusto de Lima ouviu, no Alto de São Francisco, uma **tirana**, cuja melodia coincide, quasi testualmente, com **o "Joyeux Laboreur** de Schumann e o **"Fio Bôto Sinhô"**, batuque amazonense, recorda logo a **"Canção dos barqueiros do Volga"**.

De gênero trovêsco é o lundú registrado por Mello Morais, no seu livro **"Canções populares do Brasil"** com o título de **"Canto do Pescador"**. É a historia de um pescador, altivo, vaidoso, que, passeiando entre os rochedos e as ondas, assim fala ao deus do amôr:

"Que te curvo meus joelhos,
Não esperes, rei traidor,
Minha canôa, meu remo,
Minha rêde, meu amôr.

Os dois últimos versos repetem-se algumas vezes na composição poética das dez quadras, — numa espécie de éco, motivo condutor, muito em moda nos lundús antigos.

Existem alguns lundús de inspiração francamente africana, visando satirisar, causticar os brancos que martirisavam os pobres prêtos no inferno das senzalas, nos canaviais do Norte e na cultura caféeira de São Paulo. A citação de duas quadras desse lundú dá uma idéia do que isto seja:

Dizafôro de baranco
No si podi aturá
Ta cumendo... tá drumindo
Manda nego trabaiá."

Nosso pleto condo fruta
Vae pará no Coreção.
Sinhô branco, condo fruta,
Logo sae sinhô barão.

(Eustorgio Wanderley)

Muitos outros lundús existem nessa mixordia afro-brasileira, recordando sertões congolêses e comparando a existencia feliz e tranquila do branco com o cativeiro doloroso e atormentado do negro: — sem pátria, lar e liberdade.

Entre os improvisadores, cantadores de lundús, tivemos Laurindo Ra-

bello, o **poeta-lagartixa,** Xisto Bahia, um seresteiro magnifico de voz lírica e nostálgica, Francisco Cardoso, Bruno Serra, e tantos outros cantores anónimos, que deixaram fama pela maviosidade de seus versos e sua voz dulçurosa e melódica.

Foram ainda introduzidos, na música brasileira, pelos prêtos o **chôro** e a **serésta.** Não são formas novas de música mas, simplesmente, um genero especial de música popular onde um solista é acompanhado por instrumentos plebeus: — cavaquinho, bandolim, flauta, clarineta, ocarina. Alguns bordando de improviso, um contra-canto, que enfeita tão graciosamente a melodia que realmente bóle com a gente e atiça o coração.

Na **serenata** sobrepuja a voz humana, ferindo a melodia, dominando o naipe instrumental; no **chôro** é diferente, não se ouve a voz do cantor, os instrumentos comtrapõem-se as melodias, o cantor e os instrumentistas conjugam-se em feliz devaneio.

A **seresta** ou **serenata,** é cantada geralmente ao ar-livre, à claridade da lua, pelas ruas afóra ou na vizinhança da casa onde dorme, embalada pelo sonho, a namorada bonita. A lua foi sempre a grande amiga de nossos serenatistas: a sua luz opalina e mansa sugere ternuras à voz e enche de sentimentos suaves o coração.

Como é linda essa serenata de Abdon Lira musicada sôbre versos de Aldemar Tavares:

É noite: o plenilunio
É como um sonho,
Assim risonho,
Boiando pelo azul,
Beijando o mar...

E como é cheia de brasilidade tropical essa outra seresta de Catulo, oração ao luar prateado de nosso sertão:

A gente pega na viola
Que ponteia
E a canção da lua cheia
Vae-se ouvindo na amplidão.
Não há, ó gente, ó não
Luar, como este do sertão.

Às vezes, é a inspiração anónima que surge, nas serenatas, como nos versos daquela serenata estilisada pelo músico Cardoso de Menêses:

Aos frouxos raios da lua,
Que se derramam no ar,
Vae-se deslocando a falua
No liso espêlho do mar.

A influencia lusa foi preponderante em nossa música popular. De Portugal recebemos os instrumentos musicais, as dansas infantis de roda, as de cunho dramático, e os reisados e pastoris.

O **fado** não se aclimatou em nosso meio. Em compensação frutificou a **modinha,** que embora seja reinol de nascimento, desnacionalisou-se, abrasileirando-se sobremaneira, tanto que hoje é bem nossa; ela está para nossa música popular como **lied** para os alemães e a **chanson** para os francêses.

A **modinha** é um éco de nossa alma, espêlho de nosso sofrimento e, na sua cadencia languida, soluçante, adormece-nos os sentidos, como os movimentos ritmados de um berço ao som de um acalanto, cantado pela voz da **mãe-preta.** É sempre intensamente sentimental, música de coração, em sua toada docemente triste. Na maioria das vezes, possue temas gemeos, porém, ambos, bastante melódicos, atuando em contrastes ritmicos, um como recitativo e o outro bordejando o acompanhamento, que o violeiro ornamenta no sabôr de sua veia poética improvisando.

A melodia é quasi sempre triste, triste o ritmo, e triste o cantador. E toda essa tristesa se esprime até por aqueles que, comovidos, ouvem êste refluxo da alma do Brasil formada da melancolia do indio, — sacrificado a cubiça do bandeirante, — e da saudade do negro e do luso: nostálgicos da sóba africana e da aldeia risonha, enfeitada de flores : mulheres lindas, de sua provincia natal.

A modinha é a voz de nossa terra, — não ha rincão no Brasil onde ela não exista; — multiplica-se como as ondas do mar.

É um produto do nosso coração e corporifica-se na voz do seresteiro e no resoar do pinho dos violões e cavaquinhos. Mais tarde, ganhou fóros aristocráticos; o cravo e o piano deram-lhe a honra de acompanhá-la e, sob os sorrisos de D. Maria Victoria, e as palmas dos duques de Lafões entrou, aprimorada, nos salões dos paços reais. Mas a modinha, cantada nos saráos de luxo não é bem a modinha; perdeu o seu cunho; banalisou-se.

A modinha para ser verdadeiramente modinha precisa viver dentro do cenário de sua tradição: luar, rua deserta, cantador apaixonado e ouvidos romanticos para percebê-la e corações amorosos para sentí-la e amá-la.

Não foi despresada mesmo pelos nossos maiores músicos: José Mauricio compôs modinhas; Carlos Gomes escreveu diversas e, não faz muito tempo, ouvimos, na representação da comédia, "Marquêsa de Santos", uma das mais formosas, estilisada por Villa-Lobos. Mas as mais lindas modinhas são, entretanto, as que não trazem certidão de legitimidade; não se sabe donde vieram, são de proveniencia desconhecida, vêm da paixão e da dôr.

Irrompem do peito, como gritos do destino, caprichos que refletem os misterios e as inquietações da alma do cantador e as belezas e a poesia da terra. Tivemos inúmeros compositores de modinhas que vieram, quasi todos, na época imperial. Destacam-se, entre êles, Rocha Mussuranga, um músico de valôr; Padre Santana; D. Baltazar Teles, Bitencourt e Sá e tantos outros cujos nomes ainda figuram, com letras maiusculas, nos cancioneiros de cordel.

Houve, mesmo, entre os autores de modinhas, dois grandes nomes nacionais: Tobias Barreto e o Marquês de Sapucahí, que compôs **"Mandei um eterno suspiro"** e **"Já que a sorte destina"**, que fizeram imenso sucesso nos salões aristocráticos do Segundo Imperio.

Hoje o mais apreciado compositor de modinhas brasileiras é Catullo da Paixão Cearense, verdadeiro espirito de troveiro nortista, cuja musa é um tesouro de inspiração, imagens luminosas, e que nos dá a impressão perfeita da alma rústica, bondosa, poética da gente nordestina.

Entre as músicas que ainda abrilhantaram as nossas festas tradicionais, — **Natal, Ano-Bom** e **Reis** e algumas datas populares nortistas, — existe ainda muita coisa onde se encontra a influencia portuguesa, vinda com os colonos que primeiro povoaram a terra e forjaram nosso homem. Nas **cheganças**, a interferencia lusa é manifesta; o mesmo se dá nos **reisados** e **cantos** pastoris, que se entoam, em frente ao presepio, na semana poética do Natal.

É enorme o acérvo de páginas de música anónima nas quais se nota a cooperação lusa, mas, existem, tambem, diversos compositores essen-

cialmente nacionais de **cheganças, reisados** e **cantos pastorís.**

Entre os compositores de versos para os bailes pastorís tornou-se célebre uma Madre Carlinda, prima de Junqueira Freire e Monja no Convento de Humildes na Bahia, e os poetas Veiga Murici, Santos Veiga. Olimpio Pitanga e, ainda, o Major Patricio, que pôs em solfa uma bôa porção de versos pastorís para adaptá-los a cêna teatral na sua provincia do Rio Grande do Norte.

Referindo-nos as músicas populares, que receberam colaboração portuguêsa, é bom recordar o **cito** e o **mutirão.** O **cito** é o trabalho na roça; o **mutirão** é o auxilio que os lavradores prestavam-se mutuamente na ocasião da colheita. Existe nêle lembranças bem visiveis da festa da vindima e de certas romarias lusas.

Há nêles especimens de lindos cantos-corais e de duetos e tercetos cheios de sentimento fino, comovedor, e que nos enche de uma recordação ancestral de gerações que nós não conhecemos, mas que ainda sentimos presentes em nosso soma brasileiro. É o perfume da saudade... O perfume da saudade que é semelhante o de certas flores, que só se percebe quando de longe o recebemos. se eivados, o tentamos aspirar de perto, dissipa-se, porque a saudade é folha morta que não resiste ao olhar duro da realidade.

2.ª PARTE

Falaremos agora, nesta segunda parte, de alguns elementos representativos de nossa musa popular que espontaneamente assimilaram, em suas produções, a nossa música.

Envolvendo às múltiplas manifestações da música popular nacional, brotadas da musa anónima, existem algumas produções de compositores que se impuzeram com seus excelentes trabalhos. São artistas, cujos nomes seria injustiça olvidar e cuja obra merece ser recordada numa síntese de música popular brasileira.

Eles, na placidês do ritmo das modinhas, e no obstinado sincopar dos tangos, sambas e maxixes, estão nos dando uma música, que, se não pode chamar-se erudíta, está longe, tambem, das côres barbarescas da música oriunda diretamente das massas democráticas em que nasce, como um desafogo de almas recalcadas, e em que não ha o equilibrio da fórma. Representam o traço de união entre a musa popular e a erudíta.

Entre estes artistas, destacam-se **Francisca Gonzaga, Marcelo Tupinambá, Ernesto Nazareth, Haeckel Tavares, Joubert de Carvalho, Eduardo Souto** e outros.

Francisca Gonzaga é a primeira do grupo em ordem cronológica. Ainda ha três anos, no Rio de Janeiro, festejou-se, com todo o entusiasmo e justiça, o cincoentenario da primeira representação de sua ópera **"Côrte na roça"**, onde se expande, numa riquêsa enorme, uma série de músicas inspiradas em motivos eminentemente populares. Mais tarde, escreveu a ópera-cómica **"As três graças"**, cuja música é bastante colorida e sentimentalmente brasileira.

A fecundidade artistitca de Francisca Gonzaga é enorme. Representou 72 obras teatrais e publicou cerca de mil peças musicais, quasi todas acolhidas com a maior simpatia e sucesso.

Figuram, entre esta coleção enorme de produções, algumas mediocres é verdade mas, tambem, páginas de valôr e inspiradas em nosso folclore como as cançonetas **"Cêra para o Santissimo"** e o **"Corta jaca"**, que

dansado pelo Duque, nos Estados Unidos, alcançou franco êxito e ficou como sendo uma das músicas regionais mais típicas de seu tempo. O pianista-compositor Fructuoso de Lima Viana estilisou para piano o tema do **"Corta jaca".**

Marcelo Tupinambá é bem nosso e entre nós vive. Compositor interessante e espontaneamente artista, nas suas dansas, escritas ao correr da pena com displicencia, e expandindo as belezas de seu temperamento nativo, revela-se Tupinambá um dos expoentes máximos da nossa música popular. Esse pseudónio oculta a personalidade do Dr. Fernando Lobo — engenheiro pela Escola Politécnica Paulista.

Não se fixa no desenvolvimento de um tema, varia a fonte de sua inspiração, adeja sôbre os motivos a estilisar e, isso, é um dos seus caraterísticos como compositor dos mais estimaveis. Assim encontramos gravado, na sua música, a tristeza melancolica de nosso indio, a fatalidade típica de nosso sertanejo, e o desespero pungente da saudade brasileira, que se não mata, maltrata. No **matuto** e nos **Versos escritos na areia** e em outras composições, todos êsses sentimentos de brasilidade intensa, irradiam-se por toda a parte, como uma nuvem de fumaça batida docemente pela aragem.

Essa nota de melancolia, essa tristeza angustiosa, que se depara em quasi todos os trabalhos de Tupinambá, é um produto sincrónico de sua biotipologia e da terra natal onde o céu e frequentemente pardacento e o povo pouco expansivo, mas infinitamente sincero, forte, bravo e bom.

Falta à música de Tupinambá a quentura do sol carioca, o abraço gritante da gente da Avenida, as expansões alacres do nortista, que emprestam a tudo, um otimismo, às vezes ilusorio, mas sempre bondoso e consolador. E isso o torna bem diferente de Ernesto Nazareth e de Eduardo Souto. A música de Tupinambá guarda geralmente a nota grave de sua gente e de sua taba, como na **Minha Terra.** Excepcionalmente ele expande-se com a alegria sadia, exuberante, farta da **"Nhá Moça"** e de outras lindas páginas, que são como os dias luminosos que, de vez em quando, surgem, no decurso sombrio do inverno. Sua alma possue alguma cousa da grêga.

As dansas de Tupinambá, como tudo escrito para gente futil, talvez, passem da moda e fujam dos salões e dos programas dos cabarés e dos jantares-concertos. Mas sua música original, popular, buscada nas raizes do povo brasileiro, esta ficará na nossa historia, porque procede de um dos melodistas mais espontâneos e de um intérprete leal, sincero da alma nacional.

Não deixaremos a figura simpática de Marcelo Tupinambá sem lembrar o **Passo do soldado** e a **Redenção.** Ambos sintetisaram a alma dolorida e heroica do paulista na Revolução de 32. A primeira escrita sôbre versos de Guilherme de Almeida, que toda gente recorda com funda emoção.

A melodia cabocla de Marcelo Tupinambá fez, nos concertos de Villa-Lobos, um sucesso enorme na Europa.

A êste nosso músico, um crítico parisiense perguntou se o compositor modernista francês Dario Milhaud, vivendo alguns anos no Brasil, não se teria inspirado em Tupinambá. Vila Lobos, assomadamente, respondeu: **ele copia, ele edita Tupinambá.**

Ernesto Nazareth é o contraste de Marcelo Tupinambá. Sua música apresenta-se sempre, vibrante e cheia de fagulhas doiradas de sol.

Suas composições mais originais são escritas sob forma de dansas cantadas. A estrofe é substituida pela melodia; a frase oral pelo ritmo.

E são êstes os fundamentos sôbre que assentam suas construções sonoras que se divorciam dos métodos usados pelos compositores coreográficos modernos, — é o seu lado original e que lhe dá uma feição ritmica muito pessoal, como se vê no buliçoso e encantador "Caboré", que representa uma das mais lindas e expressivas composições de seu genero, Ernesto Nazareth é um compositor pianistico, e, com êsse instrumento, traduz, com um talento invejavel e uma maestria prodigiosa, o instrumental das serestas e dos chôros, dando-nos composições atrevidas de ritmo e personalidade como o célebre "**Apanhei-te cavaquinho**" e no "**Amêno resedá**", que ouviremos executado por Gaó, em que, a vivacidade da música, nos arrasta incessantemente para os bamboleios seresteiros.

A música buliçosa, ritmicamente brilhante de Nazareth, encontra-se num paradoxo inesplicavel, uma influencia de outra música de compositor que não é brasileiro e cujas idealidades são bem diferentes daquelas de nosso patricio, **Frederico Chopin.**

Ernesto de Nazareth confessou isso a um seu amigo e disse gostar muito de Chopin. Os traços da obra chopiniana deram um certo senso pianistico intrinseco ao compositor e que se revela em certos tópicos do **Carioca**, no **Sarambéque** e no **Ramirinho.**

Possuidor de uma excelente técnica pianistica, as composições de Nazareth revestem-se de certa maestria, dessa linha formosa de elegancia, principalmente nas valsas, como a "**Expansiva**", "**Confidencias**" e **outras**, distinção nobre, que lhe afastam das rodas humildes, procurando centros mais altos e inteligentes. Ele proprio repelia os elogios que se faziam aos seus maxixes e que julgava deprimentes e humilhantes a sua personalidade e seus trabalhos.

Mario de Andrade, que fez uma interessante conferencia sôbre Ernesto Nazareth, aponta um aspecto curioso na existencia artistica deste músico. A sua posição na formação historica, aliás tão pouco conhecida, — do maxixe, cujo nome ainda não se sabe bem onde veio e, no entanto, é visceralmente brasileira.

Apenas corre, adotado por alguns, que o **maxixe** tomou sua denominação de um bohemio apelidado **Maxixe** que, durante o carnaval carioca, num clube da época, dansou o lundú de uma maneira diferente e nova. Imitaram-no e, daí por diante, toda a gente começou a dansar "como o Maxixe". Esta é uma versão espalhada por Vila Lobos que a ouviu de um antigo carnavalesco do Rio de Janeiro.

Seja como fôr, o maxixe não é muito novo. Já entrou no cincoentenario e devia ter surgido de 70 para 80.

O tango marca para a música brasileira a evolução da sincopa, e do contra-tempo da música ocidental, usada para exprimir agitação e que nos veio dos reinoes e desenvolvemos como o toque do ritmo negro, dando-lhe individualidade bem nacional e bastante diversa da usada nas demais dansas modernas, como o **foxtrote e outras.** Essa evolução da

sincopa brasileira, se permitem a expressão, se encontra esteriotipada toda inteira, integralmente, na obra pompeante de Ernesto Nazareth.

Um outro aspeto digno de nota nos trabalhos de Nazareth, é a relação do título com a natureza dos **ethos** da música. No Brasil, os mucisistas populares crismavam sua música a esmo, como os pastores do nordeste a povoação do seu rebanho, — **Fubá, Canéco, Bem-te-vi, Yayá,** ou ainda mais extravagantemente: **Tem roupa na corda, Estou com dôr de dentes.**

Nazareth, embora algumas vezes colabore nessa nomenclatura ridicula, na maioria das ocasiões, parece relacionar a denominação da página musical com o argumento nela tratado. Assim, **Está chumbado**, descreve o ritmo da **marcha** hesitante do ebrio. **Desengonçado** exprime o sentimento de balburdia, de ostentação mágica, ruidosa, esparramada, enquanto que, ao contrario, o **Tenebroso** e o **Brejeiro** são cerrados e escuros, como uma tarde invernosa. (Isso podereis notar ouvindo as execuções de Gaó).

O que caraterisa, dissemos no principio, a música de Nazareth, é o contentamento, a galhofa, o prazer irradiante, luminosamente sonóro, que não se perde mesmo no **Tenebroso,** onde se divisa, às vezes, clarões de sol no meio da caligem da terra.

Nazareth descende, em linha reta, da gente alegre do suburbio fluminense, que circunscreve a existencia num violão cantante e no baile ruidoso, onde se esquecem as cousas tristes da vida, as dividas e os desgostos e só se pensa na graça das dansas e no sabôr da ceia suculenta e apetitosa.

Entre os compositores mais expontâneos e inspirados de nossa música popular está **Joubert de Carvalho.** A sua música é cheia de melodia clara e tipicamente brasileira; individualidade e identifica rapidamente suas tendencias artisticas.

As suas primeiras peças datam de 1921 e, desde logo, tiveram brilhante aceitação e divulgação tão vasta que não temos memoria, em nossa época, de sucesso igual. O fox-trot **"O Principe"** alcançou um exito verdadeiramente notavel, sendo cantado até em París, no **Ba-ta-Clan**, com aplausos entusiastas, do auditorio internacional, frequentador daquêle cabaré de luxo. No dominio da música popular, **Joubert** estreou com diversas peças de dansa como **"Caçador de Esmeraldas"** e o tango **"Zezé"** dos quais os cariocas guardam ainda saudosa recordação.

Mas, onde a música apresenta um verdadeiro sentimento de nacionalidade, que traduz bem o sabôr fino, delicado e leve de nossas canções, são nas peças classificadas com o nome de "Brasilidades".

Dentre estas figuram, em primeira linha, a **"Rolinha"**, **"Canarinho"** e **"Sacy Pererê"**, páginas musicais que, conservando um carater genuinamente nacional, por se baseiarem sempre em nossos ritmos e melodias, aprsentam, no entanto, uma feitura bem cuidada.

São numerosas as composições de Joubert de Carvalho e seria dificil citar todas elas. Vamos mencionar algumas das principais nas quais se manifestam o cunho nacionalista, a inspiração fecunda e a maneira de escrever desse nosso patricio, que, se dedicasse à música artistica seria certamente um dos nossos melhores compositores modernos.

Dentre as suas numerosas músicas é linda, e fala enormemente à altura a canção **"Cae, Cae Balão"**,

escrita sobre magnificos versos de Olegario Mariano, e que, ao lado de uma sentimentalidade sincera, possue uma visão filosófica, nitida e clara das incertezas da vida. **"Tutú Marambá"** e **"Sacy Pererê"** são duas outras canções que obtiveram um êxito formidavel cantada pela voz expressiva e dolente de Gastão Formenti e constituem duas toadas impregnadas de espirito sertanejo e desse feitichismo encantador e sugestivo ainda dominante na alma singela de nossa gente.

Entre as suas emboladas e maxixes póde-se mencionar os **"Filhos da Candinha", Côco pelado"**, maxixe de de fundo intensamente carnavalesco, e a **"Boca Pintada"**, cujo ritmo lembra bailes alegres, onde se canta e se bamboleia, esquecendo-se as cousas más.

Ao lado destas músicas, Joubert de Carvalho escreveu tangos, canções e valsas, cheias de um fundo sentimento lírico e que refletem bem o nosso coração tão acolhedor de emoções tristes e às vezes alegres mas sempre sinceros. Como padrão, dêste gênero, aí estão **"João Capêta", "Traição"**, a **"Nha Maria", "Gosto de você", Para o "Amor"** e a valsa **"Castelo de Luar"** que colocam Joubert de Carvalho como um dos bons cultores da atual música popular brasileira. Dêle ouviremos hoje, cantado pela Sra Carmen Dulce **"Tarde Dourada"** — bela canção brasileira

Cheio de inspiração, dono de uma melodia sugestiva e emplogante, e de um lirismo poético e endulçorado, é o compositor alagoano **Heckel Tavares.** Tem cultivado, com talento, nosso folc-lore, ora adatando temas populares, ora compondo canções e páginas de sabôr genuinamente brasileiro, nas quais, ao lado de uma concepção apaixonada e sincera nota-se um estilo cheio de brasilidade e bem ordenado

Apezar de ser moço sua obra é vastíssima refletindo a encantadora música popular nortista, fonte perene de melodias tão lindas e graciosas. Sua coleção "Raças" é uma antologia de canções de fundo africano onde destaca-se o acalanto **"Mamãe Prêta"**, impregnado de uma poesia intima, senso nostalgico e que, como uma varinha maga, nos evoca as canções de ninar entoadas pela voz fresca de nossa ama.

Publicou, tambem, um lindo album de música, contendo seis canções infantís sôbre temas de **roda**, com sugestivas palavras de Ribeiro Couto e Manoel Bandeira. São meia duzia de pedacinhos de ouro, que todas as crianças brasileiras deviam cantar e dansar no recreio dos colegios, porque lhes projeta, no ouvido, quadros nobres e impressionantes de nossa vida de povo novo: **"Brasil, Canção da bandeira, O Brasil é bom, Sorteado, Princêsa Izabel, Nana-Nana".**

Para as crianças, pequenas e grandes, escreveu uma outra coleção de composições, tambem de carater infantil, cuja música é uma lembrança do lar carinhoso, reminiscência de um tempo que passou e nos deixou a impressão de manhã lavada e doirada de sol: **"Mamãezinha está no Céu, Menino quer saber** e o **Realêjo".** Heckel Tavares tem outras páginas de sincera emoção e arte: **"Estrêla pequenina, Me deu uma vontade de chorar, Tenho uma raiva de você, Sa-**

---

biá, Casa do Caboclo", que são gentilíssimas pela pureza da inspiração, correção de forma, colorido, brilho de expressão. Heckel ainda não perdeu o vicio de sonhar e **"não perca não"**, é o único vicio que não envenena o corpo e nem esfrangalha a alma. Ao contrario, transforma o coração num céo ponteado de estrêlas e numa mata engrinaldada de flôres.

No dominio da música erudita, desviando-se de suas tendências, Heckel Tavares escreveu o poema musical, inspirado em versos de Cassiano Ricardo, **André Leão,** o demonio de Cabelos encarnados, onde, em dois quadros descreve simbolicamente, a luta entre o bandeirante e o curupira, o combate ingente entre o luso conquistador e a terra virgem em que se defronta. É um trabalho interessante, na sua arquitetura musical, procurando-se inspirar nas ingênuas melodias populares, mas infelizmente com pretenções orquestrais exageradas.

Mas, apezar disso, possue páginas empolgantes, cheias de uma poesia toda brasileira, como o **alegre vivace** do 3.° quadro e o cair do crepúsculo do **andante, ma non tropo,** do 4.° quadro, em que o colorido é magnífico, descrevendo-se poéticamente os funerais do dia. O **final,** a maneira de romance é, tambem, um lindo trecho de poesia e sentimento naturista.

Junto aos mucisistas que estamos estudando, existem outros que desejavamos prestar homenagem sincera de nossa admiração pela contribuição pessoal que deram, tão graciosamente, e com tanto carinho, à música popular brasileira. O carater desta conferência nos impede, no entanto, de fazer trabalho analítico sôbre cada um dêles.

Mas, apezar disso, queremos mencionar varios nomes, porque esquecê-los seria ingratidão. Irão em conjunto: a bôa companhia não faz mal a ninguem.

Luiz Moreira, um compositor de talento e fina observação artistica. Viajou com Abigail Maia e o humorista João Phóca, o Brasil inteiro. Nessa vida itenerante êle, como Vila Lobos, anotou o cantar e o ritmo de quasi toda a nossa gente, do norte ao sul, e transplantou-o para sua música apaixonada e irradiante de ternura: **Meu boi morreu,** cantiga nortista; **Nhô Juca,** samba côro baiano e **Chico-Manuel-Nicolau,** — delicioso e buliçoso batuque de prêtos.

Compositor de inspiração sadia, tonalidade bem brasileira, tendências romanticas, foi Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, um dos fundadores do Conservatorio. São saborosas, transbordantes de deliciosas melodias, suas canções **"Morena se tu quiseras"... Flôr do Maracujá, Não me deixes, Teus olhos.** Tudo isso é escrito com elegancia e absoluta correção de um grande sabedor de música.

Alberto Costa, senhor de um talento pessoal brilhante e que trata os seus temas com uma fantasia típica inimitavel é, apesar de médico de profissão, um dos nossos compositores mais interessantes, possuindo nas suas músicas, laivos de escola russa, como no pungitivo **Canto da Saudade.** São impregnados de suave melancolia o seu **Cysne** e a **Serenata.**

Ainda, no dominio da música popular, encontram-se um grande número de compositores que sairam do anonimato e fizeram sucesso, em sua época, pela melodia de suas canções e os sincopados de seus sambas e maxixes, — semi-barbarescos.

Neste número figuram Alves Mes-

quita, célebre pelas suas quadrilhas — **"Soirées Brasileiras"** e **"Raios de Sol;** Aurelio Cavalcanti, autor de numerosas valsas de motivos populares como a **Cachôpa; Eduardo Souto,** autor de vibrantes marchas carnavalescas, estonteantes de côr e som; **Sinhô** (J. B. Silva) e **Sivan** (Castelo Neto), dupla transbordante de inspiração e brasilidade, e tantos outros que, nos discos, no radio, vão esparramando a sua inspiração através da voz simpática de Francisco Alves, Jorge Fernandes, Gastão Formenti, Candido Botelho e Carmen Miranda empolgando-nos com os ritimos de nossa natureza, que são as manifestações expontaneas de nossa alma popular, o sentir de nossa gente, que sedimentados pelo tempo, constituirão, com o auxilio da inteligência e da cultura, a fonte de inspiração da nossa arte pura e elevada.

Música pura que, no futuro, terá um pouco da alma do gaucho riograndense, do caipira paulista, do serenatista carioca, e do cantador e violeiro nordestino. E o sentido glorioso, imenso, do Brasil único, indivisivel e com um homem tão grande, como é a beleza e a magestade da terra que DEUS nos deu!

RESENHA MUSICAL
MENSAL
Diretor: Prof. Clovis de Oliveira - Secretaria: Profra. Sra. Ondina F. B. de Oliveira
Redação: Rua Conselheiro Crispiniano, 79 — 8.º andar — Edificio Itaíba.
São Paulo
É a revista musical de maior circulação no paiz.
Fundada em Setembro de 1938 — Assinatura anual, 20$000.
Registrada de acôrdo com a Lei e no DIP.
Colaboração escolhida e solicitada — Suplemento Musical, especial.
Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil.
Colaboradores Nacionais e Estrangeiros.

Weber

Weber embóra fosse um menino vadio e travêsso, mostrou sempre aptidões para a música. A sua primeira ópera foi representada em Viena quando êle contava apenas 14 anos.

Vinte e dois de novembro

PROF. SAMUEL ARCHANJO DOS SANTOS
Do Conservatorio Dramatico e Musical de S. Paulo
e do Conselho de Orientação Artistica do Estado.
(Especial para "RESENHA MUSICAL")

Para vós, contemporâneos de uma época de quasi completa materialização de costumes, em que o valor do homem mensura-se pela primazia da força e atrevimento, contar-vos uma lenda tão singela na qual se vê transparecer o sentimento, tão delicado, duma Virgem Martir — qual é SANTA CECILIA — padroeira dos músicos, digamos melhor, dos artistas — penso será como que vos dar um oasis em pleno deserto, onde a sêde de bonança se evidencía tão intensa ante as calamidades que, dia a dia, vemos desensolar pelo velho mundo onde a sanha dos gladiadores da modernidade ameaça ruir todo um patrimonio artístico que marca o glorioso passado de labores da pobre humanidade. Passemos logo à lenda:

CECÍLIA, essa nobre da velha Roma jurou a Deus virgindade perpétua. Destinava-lhe, no entanto, a vontade paterna o jovem Valeriano.

Em obediência à vontade de seus pais aceitou Cecília o nobre romano. E, em seguida aos esponsais, celebraram-se as bodas nupciais. Ao entrarem os esposos em confidências, diz a Virgem a seu marido: "Meu esposo, si hoje, no dia de nossas nupcias tu me jurares nada dizer a ninguém, revelar-te-ei um grande segredo. Valeriano jurou, como Cecília lhe pedia, e esta continuou: "Eu tra-

Imagem da Padroeira dos Músicos, da Igreja de Sta. Cecilia, em São Paulo

go sempre ao meu lado um anjo de Deus o qual preserva meu corpo de toda mácula pecaminosa. Si tomáres meu corpo com intenção de pecar morrerás, mas si teu amor fôr feito de pureza, o anjo que me guarda mostrar-te-á a gloria da bemaventurança. — Ao que Valeriano respondeu: "Mostra-me o anjo de que falas e acreditarei nas tuas palavras, assim como farei o que me pedires, ó minha doce esposa." — Santa Cecília tornou-lhe: "Si acreditares no verdadeiro Deus e pedires o batismo, verás, com certeza, o anjo que me acompanha. Para isso irás à Via Appia e ali chegado dirás a uns mendigos que virão ao teu encontro: "Venho a mandado de Cecília, para que me apresenteis a Urbano a quem tenho algo a dizer. E depois que das mãos deste tenhas recebido o santo sacramento do batismo teus olhos terão a gloria de ver o anjo de Deus. Valeriano, em seguida a estas palavras, dirigiu-se à Via Appia onde encontrou Urbano; este, escutou-o com atenção; depois, louvando e agradecendo o Senhor disse: "O' Senhor Jesus Cristo, semea dor de virtude e de bondade, recebe o fruto da santa semente que lançaste em Cecília, a qual te serve com amorosa solicitude da abelha industriosa. Seu esposo era feroz como o leão dos desertos e ei-lo a teus pés, manso como um cordeiro! E neste momento apareceu-lhes um formoso varão, vestindo uma túnica alvíssima e trazendo na mão um livro escrito com letras de ouro.

Então Valeriano, deslumbrado, prostrou-se por terra, ali ficando na humildade da poeira. O varão ergueu-o e abrindo o livro fez com que Valeriano lêsse as seguintes palavras: "Um Deus pai de todas as creaturas, o qual está acima de todas as coisas e habita em todos os sêres." Crês, tu, Valeriano na verdade destas palavras?" — Creio! — respondeu o esposo de Santa Cecília, já tocado da divina redenção.

No mesmo instante o formoso va rão, que era um anjo de Deus, desapareceu. Valeriano pediu imediatamente o sacramento do batismo, recebido o qual tornou a Cecília. Encontrou-a em sua alcova de pureza, conversando com um anjo do Senhor, o qual tinha na mão duas grinaldas, uma de rosas, outra de lírios, que deu a Cecília e a Valeriano dizendo:

"Guardai estas grinaldas sem nunca macular vosso corpo e vosso coração; celestes corôas, jamais murcharão elas nem perderão o perfume e a beleza, sendo, como são, visíveis somente àqueles que, como vós, guardarem a virtude excelsa da castidade; quanto a ti, Valeriano, já que seguistes o bom conselho de Cecília, péde o que desejares que te será concedido."

E assim vai a lenda de Santa Cecília que se encontra no livro: "Santa Cecília e outras lendas" — n. 1 da coleção "As mais belas lendas do Cristianismo".

Donde viria o título de "Padroeira da música" dada a Santa Cecília?...
Sabemos que o título simbólico de "Padroeira da música e especialmente da música religiosa" dado a Santa Cecília vem de longo tempo, não sendo possivel precisar uma data sem demorada e metódica pesquiza por

entre a sua iconografia e demais obras inspiradas nessa Santa.

É sobremaneira lendaria a prerogativa que se lhe quer dar de inventora do órgão. Pensamos que essa simbólica denominação liga-se aos seus serviços tão dedicados, uma sorte de catequése no tempo da antiga Roma, serviço esse que lhe valeu a gloria do martírio e consequente canonização. Assim é que, consoante reza a sua história — esparsa por diversos livros — ha alusões às suas faculdades musicais, possivelmente chefiando massas corais em unísonos de cânticos religiosos das catacumbas romanas.

Cecília deveria ser considerada, devido à promiscuidade de manifestações artísticas, não somente padroeira da música como dos artistas em geral, pois que tanto os poetas, como os pintores, escultores e músicos concretizaram em suas principais obras a admiração e o encanto pela linda Virgem martir.

Ha uma grande produção de obras inspiradas em Santa Cecília e suas lendas. Da Enciclopédia Internacional de W. V. Jackson citamos textualmente o que encontramos: "Foi representada por muitos pintores, e suas ações foram traçadas sôbre as guarnições da Igreja de S. Urbano, em Roma. Mais tarde, Cimabue pintou o martírio de Santa Cecília para a Igreja consagrada a esta Virgem, em Florença. Esse quadro passou depois para a Igreja de Santo Estevão. De ordinario Santa Cecília é representada tocando órgão e entoando louvores ao Senhor acompanhada por anjinhos. Entre as representações desse gênero, citaremos os quadros de H. Van Dyck, no Museu de Berlim; de Guerchin e de Jacobo Cavidone (Louvre); de Pellegrino Tibaldi (Viena); de Simone Cantarini (Munich); de J. C. Procaccini (Parma); de Caracciilo e de Paulo Brie (Nápoles); de Poussin e de M. Coxcie (Madrid). Pode-se citar ainda: uma Santa Cecília tocando órgão, de Carlo Dolci (Dresden). Uma outra Santa Cecília do mesmo, vê-se no Museu Eremiterio, em Petrogrado; a figura pintada por Rubens (Berlim) é a de uma jovem e bonita flamenga. Pelo seu lado, Paulo Veronese deu a Santa Cecília tocando sistro, as feições de uma loura veneziana (Museu de Viena). E, na Santa Cecília, que é uma das obras primas de Rafael, vê-se a Santa de pé, tendo próximo de si S. Paulo, S. João, Sto. Agostiolhos para o céu e escutando com arolhos para o céu, escutando com arrebatamento um concerto pelos anjos."

Contam que o francês Delaroche pintou Santa Cecília morta, flutuando sôbre as aguas, banhada pelos raios do luar"; esse quadro se encontra no Museu do Louvre.

No presbitério da Matriz de Santa Cecília, em São Paulo, encontrará o leitor amavel, trabalhos inspirados na vida de Santa Cecília executados pelo artista brasileiro B. Calixto. Entre as esculturas, existe o seu perfil, obra do genial Donatello, que se acha em Londres, e a estatua de Stefano Maderno, que apresenta a Virgem, reclinada sôbre u mflanco, em ato de repouso, como foi encontrada após 13 séculos, quando foi aberto o seu túmulo. Dedicaram-lhe missas diversos compositores; citaremos Adolph Adam, Niedermeyer, Gounod, Tomás, e outras produções em sua honra foram escritas por Purcell, Haendel, a ópera "Cecília" de F. Kessler (1810), e de Davaux (1786) sob a denominação de **"Ceciade ou Le Martire de S. Cecile"**, tragédia ornada de córos, representada em 1606, ela-

borada sôbre a forma dos antigos misterios, escrevendo a música Nicolas Soret. E, muito recentemente a ópera sacra de Monsenhor Récife, que foi levada com grande sucesso em nossos Teatros municipais di Rio e S. Paulo.

Numerosas associações surgiram sob a denominação de Santa Cecília. Riemann dá-nos como mais antiga a fundação de Palestrina, em Roma: uma espécie de Congregação que gozava de numerosos previlégios concedidos pelos Papas de então, sendo que em 1847, Pio IX a transformou em uma "**Academia de Sta. Cecília**" que prodiganiza grandes serviços à arte musical religiosa. Della Corti e Gatti, no entanto contradizem o musicólogo alemão, dando entre as mais antigas a "**Congregação de Santa Cecília**" fundada em Roma no ano de 1584, não por Palestrina, dizem eles, porém pelo veneziano Alexandre Marino, canonico lateraense, e aprovada em 1575 com um Breve de Xisto V. Em 1785, surge, em Londres, a "**Cecilian Society**", notavel pelas execuções de Oratórios de Haendel, Haydn e outros. A "**Cecilien verein für Lander deutscher Zunge**", fundada em Ratisbona, no ano de 1867, por F. Witt, e confirmada em 1870 por um Breve pontifical, cuja finalidade visava combater a introdução de instrumentos na música religiosa. assim como os clássicos dos séculos XVIII e XIX. Seria alongar por demais o meu "artiguête" tomando o precioso tempo do amavel leitor em citações de tantas invocações que vão pelo mundo homenageando a nossa formosa padroeira.

A usança de festejar Santa Cecília a 22 de novembro, vem de longe. Dizem que para execuções de conjuntos corais, constituiu-se, em 1571, em Evreux, na Normandia, a sociedade "**Le puy de musique**". Em S. Paulo, é todos os anos cultuada fidalgamente a memoria de Virgem martir com execuções de música sacra; e essa festa, que celebra-se na Matriz de Santa Cecília, costumamam associar-se os estabelecimentos de ensino artístico.

Mone (F. J.) bibliotecario e professor de história da Universidade de Louvania, que possui uma obra em 3 vol. sobre hinos, afirma que Santa Cecília foi uma das santas predilétas dos hinógrafos dos primeiros séculos. Entre os trabalhos que se ocuparam de Santa Cecília é muito citado um estuod publicado em 1874 em París pelo eminente D. Próspero Gueranger, Abade do célebre mosteiro de Solesmes, obra essa sob o título "**Santa Cecília e a sociedade romana nos dois primeiros séculos de nossa éra**".

Quem sabe si esse trabalho esclarece a dúvida que muitos têm em saber a origem da adoção do nome de Santa Cecília para nossa padroeira. Em todo caso, se não se pode afirmar essa origem Ela é, de fato considerada tal. É o suficiente.

CONCERTOS...

MARIO CAMERINI

Foi magnífico o concerto realizado em 4 de Outubro, pelo ilustre violoncelista Mario Camerini, no Salão Nobre do Instituto Musical Sta. Marcelina.

O violoncelo que possúe cultores capazes de suavizar-lhe a aspereza, muitas das vezes rúde, encontrou em Mario Camerini, mãos, alma e inteligência, capazes de torná-lo macío, persuasivo e humano.

Mario Camerini é um artista ideal na sua arte. Possuidor de uma sonoridade grandiosa, clara e aveludada, tem o seu arco inflexões dulcíssimas ao mesmo tempo que dramatiza vibrantemente os rítmos mais difíceis.

Não abusando dos recursos técnicos que possúe com largueza, Mario Camerini mostra-se um espírito artístico elevado. Pelo programa executado firmou os conceitos emitidos pela crítica em suas apresentações anteriores, de uma maneira vantajosa, magnitizando o público que o aplaudia, com sua arte superior.

Na primeira parte executou com modalidade clássica as Séte Variações de Beethoven sôbre um têma de Mozart, o Adagio e Allegro de Boccherini, Arioso de Bach e obras de Valensin e Francoeur. Na 2.ª parte executou a Suite Espanhola de Joaquin Nin, com um calor bem ibérico, ardente na Marciana e Andaluza, arrebatado e languido em Vieja Castilla e Asturiana. Concluindo o excelente programa com obras de Villa Lobos, Faure, Cassado, Camerini (Berceuse Popular Brasileira, que foi bisada) e Popper, demonstrou uma concepção musical que vai além dos limites das acrobacias musicais porque suas execuções cheias de pensamento, possuem algo raro nos concertistas da atualidade. Possuem alma!

C. de O.

•

CONCERTO ORQUESTRAL DA FILARMONICA DE S. PAULO

Na noite de 18 de Outubro, realizou-se no Teatro Municipal, o grande concerto sinfônico promovido pela Sociedade Filarmônica de S. Paulo, sob a regência do ilustre maestro Ernesto Melich.

Lulli, Bach, Casabona e Beethoven foram os compositores cujas obras integraram o magnífico programa.

Sem dúvida alguma, o "clou" do saráu foi a execução da II Sinfonia de Beethoven. Correspondeu ao interesse do numeroso público, pela felicidade com que se houve o grande conjunto orquestral. Principalmente no Scherzo, a orquestra bastante hemogenea, conseguiu belos efeitos de sonoridade, volume proporcionado e riqueza de timbres.

Onde porém a orquestra portou-se com mais acerto, foi indubitavelmente na Suite de Lulli, cujo Noturno objetivou uma requintada interpretação. Um pouco desencontrados os

Tomás Teran

violinos nos "pizzicate", não atingiu a percepção dos ouvidos menos acurados e nem, por sorte, a influir com inconvenientes na execução da linda Suite.

O concerto de Bach, para dois pianos e orquestra de cordas, agradou bastante. Prestaram seu valioso concurso as pianistas Mercês da Silva Telles e Gilda Gusso. Ambas bem amparadas pela resoluta atuação orquestral, sob a regência do maestro Melich, puderam executar com extrema liberdade as partes importantíssimas de que estavam incumbidas. Técnica, rítmo e interpretação, não faltaram aos jovens pianistas.

O maestro Melich continúa a ser o mesmo regente conciencioso que estamos acostumados a ouvir. Enérgico no rítmo, delicado nas sonoridades, jocoso nos contrastes e artista na interpretação.

C. de O.

TOMÁS TERAN NA PRO ARTE

Pro Arte, a bem organizada sociedade cultural e artística com séde no Rio de Janeiro e com ramificações nas principais cidades do país, apresentou ao público paulistano o notavel pianista espanhol Tomás Teran.

O concerto que realizou-se em 21 de Outubro, no Salão Vermelho do Esplanada, reuniu uma platéia culta que soube fazer jús ao valôr do brilhante artista.

Tomás Teran para essa apresentação, organizou um programa de modo a poder demonstrar os diversos fluentes da arte pianística admiravel que suas mãos sabem traduzir capacitadas por uma técnica finamente lapidada. Os seus pianíssimos são subtís e os fortes e fortíssimos, vibrantes e amplos. Qualidades invejáveis que fizeram realçar a execução fir-

me da Ouverture da 28.ª Cantata de Bach, da Sonata Apassionata da Bethoven, das Fantasias op-12 de Schumann, das obras de Debussy, Mignone ,Falla, Villa Lobos, Albéniz e Granados.

Infelizmente o piano não correspondeu ao valôr do artista que viu grandemente prejudicada sua execução pelos inúmeros defeitos do instrumento. Porém este detalhe não impediu que a exuberância musical do ilustre virtuose se revelasse assegurando-lhe mais uma noitada vitoriosa da sua longa carreira artística.

Promete-nos, agora, a Pró-Arte, para o mês de Novembro, um concerto da aplaudida cantora brasileira Alice Ribeiro.

C. de O.

Tomás Teran

•

MAGDALENA TAGLIAFERRO NA FILARMONICA

Magdalena Tagliaferro, a eminente pianista que óra visita S. Paulo, onde tem desenvolvido uma atividade salutar em nosso meio musical, apresentou-se em 8 de Novembro, ao público paulistano, por intermédio da benemérita Sociedade Filarmônica que completou assim, brilhantemente, o seu 28.º saráu de arte.

Como era natural, o concerto da Sociedade Filarmonica foi aguardado por uma atmosféra de desusado interesse, entusiasmo e simpatia, razão porque ao Teatro Sant'Ana, afluiu uma assistência numerosa que soube dispensar à notavel virtuose os aplausos mais significativos.

O programa constituido por óbras de Schubert, Beethoven, Bach, Schumann, Mignone e Debussy, foi organizado sob diversas modalidades afim de evidenciar as riquíssimas qualidades pianísticas e interpretativas da emérita pianista, qualidades essas que o nosso público soube compreender e aplaudir.

Destacaremos do seu programa, a Sonata op. 90, de Beethoven, executada com muita finura e simplicidade; o concerto em dó, de Bach, interpretado com admiravel justeza de fórma. Onde, porém, Magdalena Tagliaferro jogou com seus valiosos predicados de artista consumada foi no Carnaval de Schumann. O público acompanhou religiosamente a execução desta importante óbra da literatura pianística, cujas miniaturas, pela novidade da interpretação, tornaram-se quadros vivos que a técnica prodigiosa de Magdalena Tagliaferro, pincelou com as nuances mais delicadas ou mais jogosas, dando-lhes ambiente, corpo e alma.

Magdalena Tagliaferro teve oportunidade de patentear, com o concerto realizado para a Filarmônica, que o seu temperamento brilhante e a sua musicalidade excepcional, ao par de uma técnica não menos maravilhosa, a tornam uma das maiores pianistas dentre os grandes intérpretes contemporâneos.

Com a execução de Mignone e Debussy, findou o concerto sob uma ovação prolongada da assistência, para a qual concedeu numerosos extras. À Sociedade Filarmônica dirigimos nossos aplausos pelo êxito do grande concerto que promoveu e que, nos anais artísticos da Paulicéia, figurará como mais uma das suas contribuições valiosas para o progresso da arte musical entre nós.

C. de O.

•

ALICE RIBEIRO NA PRO - ARTE

Acompanhada pela ilustre pianista Maria Amélia de Rezende Martins, apresentar-se-á ao público paulistano no mês corrente, antes de iniciar uma excursão ao sul do país, promovida pela Pró-Arte, a festejada cantora brasileira Alice Ribeiro.

Mais uma valiosa realização da Pró-Arte, em benefício de seus associados e dos artistas nacionais que sempre tem preferido para suas excursões culturais artísticas sem desprezar os elementos estrangeiros radicados no país que contribuem dirétamente para o desenvolvimento e progresso do nosso meio artístico, pela cultura sólida e vasta de que são possuidores.

Eis a razão pela qual a Pró-Arte vem apresentando subsequentemente artistas nacionais e estrangeiros residentes no país.

Transcrevemos as palavras inspiradas com que o professor ilustre, que é o sr. Murilo de Carvalho escreveu apresentando aos riograndenses do sul, a laureada cantora Alice Ribeiro:

"Desminto o velho proverbio: "Longe dos olhos, longe do coração". Porto Alegre, ha tantos anos longe dos meus olhos, nunca esteve tão perto do meu coração como agora. É com aleiria que escrevo estas palavras para apresentar aos meus patrícios a minha discípula Alice Ribeiro. Alegria aumentada porque será durante as festas do segundo centenário da fundação da cidade de que me orgulho de ser filho, que ela vai cantar pela primeira vez, no Rio Grande do Sul. Nada direi do real talento de Alice Ribeiro. Ides ouvi-la. Ides julgá-la. Os vossos aplausos nos darão a melhor das recompensas. A Pró-Arte, que a leva, merece todos os louvores. Dirigida pela competência e pelo devotamento da excelente pianista Maria Amélia de Rezende Martins, graças aos seus esforços, muitos artistas, principalmente brasileiros, têm podido aparecer nos Estados. E a escolha desses artistas é sempre feita pelo critério exclusivo do valor de cada um."

Com este numero de

RESENHA MUSICAL

Coração Santo — Peça infantil para piano — Clovis de Oliveira — seu III **Suplemento.**

ODETE DE FARIA

Odete de Faria, a pianista patricia que tantos êxitos já tem alcançado e cujos méritos todos são unanimes em reconhecer, acaba de obter mais um expressivo triunfo, com o recital, que ha alguns dias levou a efeito, para os associados da Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba.

Fazendo a apreciação desse concerto, durante o qual Odete de Faria foi entusiasticamente aplaudida, Alceu Viegas, crítico do "Diario de Piracicaba", salientou, logo de inicio: "Apresentando um ótimo programa, em que figuravam páginas de ricas sonoridades e inspiração profunda, como "Cantata" de Bach, a "Sonata em si menor", de Liszt, a nossa recitalista soube traduzir, com precisão, toda a riqueza melódica das partituras e o pensamento dos grandes mestres."

Referindo-se, ainda, à interpretação dada à "Sonata em si menor",

de Liszt, obra que é considerada como verdadeira enciclopédia da pianística de todos os tempos e que exige dos que se abalançam a executá-la, uma organização sem falhas, frisou o nosso colégа que "essa obra prima do compositor hungaro teve em evidência, por parte de Odete, toda a sublimidade e graça, que são a síntese dessa reliquia musical."

Aludindo,também, às outras peças que constituiam o programa dessa audição, quiz Alceu Viegas colocar em relevo que todas elas tiveram, em Odete, uma intérprete digna do melhor apreço, digna, portanto, dos aplausos calorosos que recebeu, e que a obrigaram a conceder um "extra".

Odete de Faria embarcou ha poucos dias, para o Rio Grande do Sul, afim de participar dos festejos do bi-centenário de Porto Alegre, ali devendo realizar alguns concertos, para dar cumprimento ao contrato que firmou com a Prefeitura da Capital gaúcha.

AOS ASSINANTES

Lembramos os srs. assinantes cujas assinaturas vencem com o presente número, o obsequio de enviarem por cheque ou vale postal, a importancia de 20$000, correspondente a uma assinatura anual, evitando assim a interrupção da remêssa desta Revista.

A respeito da Música Sacra

Uma medida que se impõe

Desde o pontificado de Pio X, que a questão da música sacra se impôz na liturgia da Igreja. Esse Pontifice que era uma alma nobilíssima de artista, subindo ao trôno pontifical com a experiência propria das suas pequenas igrejas paroquiais, que êle, em pessôa, dirigira antes de chegar ao histórico patriarcado de Veneza, preocupou-se imediatamente em sistematizar essa parte importante das cerimonias e das funções religiosas.

O Papa Pio X havia observado, ao seu tempo, que nas igrejas humildes e também nas monumentais das cidades, se andava, pouco a pouco, infiltrando o péssimo hábito de utilizar como acompanhamento das cerimonias e dos ritos de fé, música por vezes profana e, muitas vezes, realmente vulgar. Pio X interveiu, então, com a sua conhecida energia e, com um "motu proprio" propôz-se a extirpar o máu costume profano e fazer reflorescer para ornamento do verdadeiro espírito cristão, a tradicional música sacra da ortodoxa litúrgica e o maravilhoso canto gregoriano.

Aquele enérgico e oportuno "motu proprio" fez muito bem à vida das cerimonias da Igreja.

Após anos, já no pontificado de Pio XI, o Santo Padre, voltou com um novo "motu proprio", ao assunto reafirmando as normas relembradas por Pio X, dando, além disso. ordens aos bispos e aos "ordinari" para que o canto litúrgico tivésse de novo um galhardo impulso e fosse reposto no seu antigo e puríssimo estilo, porquanto ressurgia a tendência para reproduzir-se, em muitas igrejas católicas de todo o mundo, o reprovavel hábito de enxertar músicas e canticos profanos nas cerimonias religiosas.

Mas, agora, como acontece em todas as coisas desta terra, mesmo quando se referem às relações dos homens com a Divindade, passados muitos anos daquela severa admoestação, sucedeu um novo relaxamento resurgindo a tendência para reproduzir-se, em algumas igrejas católicas, o reprovavel costume de incluir música e canticos profanos nas cerimonas religiosas. Segundo temos conhecimento, em algumas localidade do interior do nosso Estado, indivíduos que se rotulam maestros e compositores, vêm transgredindo essas ordens de relevante importância religiosa, social e artística, na direção dos córos, fazendo executar suas proprias composições em fórmas de Missa ou de outras fórmas, sem nenhum valor musical ou artístico, revelando a existência de um abuso que precisa ser reprimido co menergia pelas dignas autoridades eclesiásticas, porque o povo precisa compreender, na música, as profundas belezas da música sacra e do canto gregoriano penetrando os segredos da música religiosa de alto estilo vocal ou instrumental e não sentir-se influenciado por uma arte de modalidade inferior, mescla de profano, ignorância e vulgaridade.

(Transcrito do número anterior, a pedido)

Pensamentos sôbre a IX.ª Sinfonia de Beethovem

Gustavo A. STERN

Ao M.º George Kaszás
Especial para RESENHA MUSICAL

Era um certo dia de Maio de 1824, quando pela primeira vez, ouviram homens, no teatro "Kärntertor" em Viena, a Nona Sinfonia. Deviam ter sentido uma profunda emoção, pois, nessa hora, esclarecia-se a todos a sua propria luta pela vida. Cada um deles, combatendo os poderes entranhos da sorte, sentia-se empolgado: isso importa a mim.

Nunca haviam sido formados de uma maneira tão elevada, o desafio e a luta entre a humanidade e o destino, desde a época de Esquilo. Eles fremiam, pois ouviram, no primeiro movimento da sinfonia, o homem oprimido combatendo o cáos; sentiam a luta dele como a sua propria e concordaram.

Ele sai corajosamente no segundo movimento, com cornetas para caça, mas é derribado pelos tímpanos; repetindo a corrida, fica cada vez abatido pelos tímpanos.

Porém, no terceiro movimento, o homem esquece o destino. Lá se acha um homenzinho a sós, numa vasta planície e está sentindo o que é vedado aos deuses: O amor, o sofrimento e a grande dedicação dos mortais.

Tudo está suavemente movido e, muito baixo, penetra de fóra no cortejo eterno, o aviso do destino; mas sempre, quando o tímpano se anuncia, a pele soante é subordinada pela mão estendida. Tão longe está o destino.

Agora começa um dueto de homens, cheio de paz, com olhos dirigidos para cima, para as nuvens do destino; uma só vez é relembrado o homem das lutas que estão à espera, fora; mas, tudo está ainda pacífico.

Agora, após um período tão suave, de repente reaparece o cáos; os tímpanos estão delirando, o ceu troveja, — com uma pergunta proble-

mática resalta o violoncelo — e a tempestade renova-se.

Mas, o momento de grande transformação mundial acordou os cativos; são êles nécios? são êles escravos? Impacientes, sacodem a cadeia: Querem a liberdade. Ainda, porém, continuam lutando a luz e as trevas e, enquanto os cativos resmungam, volta à lembrança a felicidade completa; hesitantes, advertem violoncelos e baixos. É como se os instrumentos tivessem achado a voz humana e falassem antes dos homens se aproximam. Iniciou-se uma longa conversação dos dispertados para a liberdade, uma reunião de creaturas que indagam, consultam e desafiam.

Parece aproximar-se, de distância mágica, uma idéia nova, e, enquanto os baixos acabaram de falar entre si quasi com palavras, sentem-se duma vez reunidos e começam a zumbir a nova e grandiosa melodia. Cheios de saudades, seguem os violinos e cantam harmoniosamente juntos. Mais uma vez, intervem o destino para impedir a nova canção.

Mas, agora, levanta-se a voz de um homem, entre os instrumentos falantes; a primeira palavra dele é: Alegria — e a segunda: Oposição.

Basta. Calai-vos poderes obscuros; a grande transformação mundial chegou. E segue, essa única voz humana, o grande côro dos outros; seguem, os solistas fieis, os versos escolhidos da ode de Schiller "À Alegria".

Escutai, aproxima-se lá uma procissão curiosa, acompanhada pelos triangulos. Um heroi marchando para a vitória. Ele conseguiu a grande obra, nunca realizada até agora: o tímpano, antigo instrumento bélico, entrou aos serviços dos homens e associou-se ao júbilo.

Emocionado e sensibilizado, fica o côro calado; sómente os baixos grossos falam uma lingua nova e agitada até que, acompanhados com largos acordes dos trombones, primeiramente os homens, depois as mulheres, exigem uma solene união de toda a humanidade: sêde irmanados aos milhões!

Agora, seguem todos, sem gravidade humana, sem força; alegres da liberdade, constroem por si mesmo um poder elevado, predicam um pai amado nas alturas do firmamento.

Da multidão cantante, separam-se, devagar, as vozes dos solistas, repetindo o côro da alegria, elevando e diminuindo com êle a sua voz; mas, a vasta multidão, a grande massa, quer bradar; a época do indivíduo passou; um segundo arriscam as vozes femininas entrar no quarteto dos solistas, mas em seguida a melodia se perturba, se perde e os homens libertados deliram; fica definitivamente abolida a barreira entre deuses e homens.

Sic itur ad astra!

Síntese da Técnica Pianística

Profra. Ondina F. BONORA DE OLIVEIRA
Especial para "RESENHA MUSICAL"

A técnica propriamente dita podemos dividir em: **Agilidade, Flexibilidade** e **Sonoridade.**

Da **agilidade:** desde que a clavícula, o braço e o pulso estejam inteiramente livres da tensão dos músculos, em completa liberdade e os dedos fortificados — o que se consegue com os diferentes exercícios como sejam: notas simples, duplas, terças, sextas, escalas, arpejos, executados da maneira mais simples possivel e depois gradativamente com variações —, se obtendrá a agilidade, isto é, destreza no tocar.

Porém, **agilidade** não significa sómente tocar com ligeireza ou melhor, com velocidade. É indispensável aliar-se à **agilidade: flexibilidade, sonoridade** e **dinâmica.**

Da **flexibilidade** — movimentos brandos flexíveis, delicados e elegantes. Quanto aos movimentos, a maior simplicidade para maior beleza e arte. É conveniente evitar as quédas bruscas ou pesadas das mãos. Os movimentos suaves muito importam numa execução porque fazem parte da maneira de bem tocar. Os dedos também devem estar aptos para com agilidade e flexibilidade ferir as teclas denotando sempre firmeza, precisão, sem forçar o seu jogo normal quanto a posição. Deve-se apoiar as notas com o auxílio do próprio dedo, sem recorrer ao braço afim de não alterar a posição natural e o que é mais importante ainda, a sonoridade que ficaria seriamente prejudicada.

Da **sonoridade,** esta absolutamente, não póde e nem deve ser confundida com agilidade. O andamento de um trecho musical, salvo indicação do autor, não deve ser alterado em favor da sonoridade. Esta deve ser expontânea, em qualquer andamento. Se a sonoridade fôr posta de lado, a execução se tornará sem expressividade, e mesmo as pessôas leigas notarão a lacuna. A sonoridade é obtida pelo maior número de vibrações da corda correspondente a nota apoiada, não esquecendo-se que unicamente os dedos conseguem com segurança êsse objetivo quando ao seu jogo estão aliados os movimentos lógicos dos braços e dos pulsos. A sonoridade béla, subtil ou ampla, é resultado de um desenvolvimento tactil sensivel em relação diréta a sensibilidade física do executante.

A agilidade, flexibilidade, sonoridade e dinâmica fazem parte integrante da bôa execução.

A pessôa que tóca deve sentir para poder externar os sentimentos, sejam êles tristes ou alegres.

Realçar, dar nuances á execução, eis uma das qualidades essenciais para um artista de valôr ou que se desenvolve na carreira pianística num crescendo constante.

Saber dar vida às notas, traduzir com clareza, calma e expontaneidade os múltiplos sentimentos do coração, é qualidade nata e quando não, é uma das maiores dificuldades que pódem encontrar na Arte Musical um artista, mesmo possuidor de uma mecânica invejavel.

MICROFONE

BABY STAUBER

uma vienense que conquistou São Paulo

Uma pequena que conquistou o coração bandeirante, na Rádio Cultura — Alguns dados de sua vida — Ouvida e admirada pelo Duque de Windsor e por Lady Mendle — Novidades que trouxe para o nosso Rádio — Filha de grande artista — O que pensa das nossas coisas.

Palavras de **Baby Stauber** a **"Resenha Musical"** — Reportagem de **Genésio Pereira Filho.**

●

Ha 4 ou 5 mêses, que a Ránio Cultura, emissora PRE-4, desta Capital, vem apresentando ao seu microfone, uma artista menina-e-moça, que conquistou o coração bandeirante.

Ela é vienense, nasceu nessa Austria cortada pelo calmo e azul Danúbio, é filha desse país que nos brinda com tão lindas e sublimes valsas., a música qoe recebeu mesmo o nome da terra de sua origem. Música que, outróra, imperou nos salões, nas dansas elegantes da vida de côrte, ou em toda festa nobre. Que reinou no tempo em que o "frou-frou" punha ares bonitos nas pequenas casadouras e em que se dansava afastado, em que o contáto dos corpos era substituido pelos rodopios de gaze, deixando todos felizes e, envoltos em atmosfera de sonhos...

Foi dessa Austria que veiu a menina-e-moça que ora encanta S. Paulo. Foi de lá que nos veiu Baby Stauber, uma moreninha de sorriso fa-

cil e bonito, de ritmo estranho no seu corpo elegante.

'Microfone" quiz ouvi-la para seus leitores. E, foi na propria Rário Cultura, numa tarde de outubro estranhamente frio, que fomos procurá-la. Estava em ensáio, com seu pai, que é quem a acompanha em harmônica.

E lhe perguntamos: — Onde começou seus estudos e onde suas primeiras apresentações?

— Iniciei meus estudos em Viena, minha terra natal. Aí, na Embaixada Brasileira, cantei e consegui sucesso. Depois, em París, no Castelo de Versailhes, cantei para o Duque de Windsor e para Lady Mendle, que muito me apreciaram. Iniciei-me aos sete anos e, em París, meu pai era chefe de orquestra e o foi por muitos anos. É muito conhecido aí.

E, de fato, Rodolfo Stauber tem agradado muito nesta capital. Tem parte importante no êxito que sua filha consegue.

— Sua mãe?

— Ah! Chama-se Joana. Joana Stauber. E, ainda sobre meu pai: no navio em que viemos, um reporter gostou muito do seu desempenho.

Baby, que é pol'glota, pois fala o alemão, inglês, francês e checoslováquio, é assim. Procura desviar o assunto para os seus, não desejando ser o centro da conversa. Entretanto, forçámo-la: — Vieram...

— ... Diretamente para o Brasil. Chegados a Santos, rumamos lógo para São Paulo. Aqui estamos ha mais ou menos 4 meses.

— A permanência aqui será por muito tempo?

A pequena passa as mãos pelos cabelos negros, onde uma pequena mecha aloirada se sobresai (lembrando o loiro materno) e nos responde:

— Estamos muito satisfeitos com a Rádio Cultura. De modo que, a nossa permanência em São Paulo é por tempo indefinido. Tenho tido contáto com muitos artistas. Apresento dois programas, um às terças-feiras, "Revista Relâmpago", e outro aos sábados, "Gongo Mágico". Ambos são novidades para o Brasil.

— Sua impressão sobre o nosso ambiente artístico?

— Ainda não poude aquilatar bem, pois aqui estou ha pouco tempo. Porém, já posso afirmar que é formidável.

— Nossa música?

— Impressiona-me. Acho o seu rítmo notavel, vibrante. Por exemplo: o samba.

Foram essas as palavras que trocamos com a pequena austríaca. Ela continua na Rádio Cultura, cativando cada vez mais a simpatia do nosso público.

———o———

ENTREVISTAS AO MICROFONE

RESENHA MUSICAL vem de inaugurar em S. Paulo, interessante sistema de entrevistas com os elementos do rádio paulistano, feitas diretamente ao microfone.

As perguntas são feitas no momento, sôbre a vida e gostos do artista entrevistado, e, das proprias respostas são tiradas outras perguntas.

Dando início à série de entrevistas que pretende realizar, **"RESENHA MUSICAL"** realizou a primeira, estando todas a cargo do seu redator radiofônico, sr. Genésio Pereira Filho, nosso brilhante colaborador.

Nhô Totico

A primeira foi realizada com geral agrado, no dia 21 de Outubro, às 9 horas (da manhã), pelo microfone da Rádio Tupí de S. Paulo, (PRG.-2), com o diretor do programa sertanejo, diariamente apresentado àquela hora, sr. Ochelsis Laureano.

A VOZ DO BRASIL

A Rádio Nacional anuncia a construção de uma grande emissora de ondas curtas; potência: 50 kw.; 11 antenas direcionais, sendo para a Europa, Africa, América do Norte e América do Sul. Os planos já se encontram em poder do ministro da Viação; essa emissora, que será poderoso fator de nossa propaganda, apresentará, em suas irradiações, música e arte em geral, propaganda do nosso sólo, dissertações sôbre nossas datas e acontecimentos de relevo, tanto na nossa história política e militar.

* O programa sertanejo da Tupí, desta capital, conta, agora, com estes elementos: Laureano, Mariano, Joanico e Arnaldo Meireles.

* A Rádio Educadora Paulista, após paralizar suas irradiações, para reforma, agora se apresenta na frequência de 890 quilociclos.

* A PST-3, diariamente das 21 às 22 horas, em ondas curtas e na frequência de 7.340 quilociclos, está irradiando diretamente do Pavilhão da Feira Nacional de Industrias, divulgando serviço oficial e música selecionada. A PST-3 é emissora da rêde da Superintendência do Ensino Profissional. Às 2.ª feiras não ha irradiação.

* Novamente esteve, na PRG-2, Pedro Vargas, o conhecido intérprete da música hispano-americana.

* Irmãs Rosetti, segundo noticia a imprensa de Jaboticabal, são dois ótimos elementos da PRG-4, daquela cidade, numa dupla caipira.

* José Carlos Lisbôa, orienta o rádio-teatro de estudantes, na Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte. Têm apresentado peças de Wilde, Pirandello, Ibsen, Dannuzio, O'Neill, Co-

ward, Somerset Maughan e autores nacionais.

* Um dos maiores acontecimentos radiofônicos, na Paulicéia, ultimamente, foi a visita de Hugo del Carril, o companheiro de Libertad Lamarque em "Madreselva".

* Nhô Totico fez uma temoprada no Rio, com grande sucesso. Após essa sua estreia no Rio, regressou à Cultura, onde continua apresentando "Vila da Arrelia" e "Escola de D. Olinda", programas, que prosseguem atraindo grande assistência ao Palácio do Rádio.

* A Rádio São Paulo inaugurou, em 11 de outubro, o "Programa do Automobilista".

* Fala-se, em Avaré, na organização de uma estação rádio-emissora.

* A Rádio Bandeirante, PRH-9, apresenta diariamente, às 8,30 horas, o "Programa de Eugenía", sob a direção do dr. Castro Carvalho.

* A Rádio Cruzeiro do Sul apresentou, no dia 13 de outubro, um programa em homenagem a Maruja Aguiar de Mariani, poetiza uruguaia ha pouco falecida. Tomaram parte a srta. Fani Luiza Dupré e o prof. Shanchez Sáes. Essa homenagem foi no "Programa do Livro", que Cid Franco dirige.

* Del Rio é uma das atrações da Rádio Cultura. É interprete de música hispano-americana.

* O auditório da Rádio Cultura fica diariamente lotado. Apezar de ser o maior auditório de São Paulo, veio provar que o povo paulistano gosta do rádio, quando ha bons programas, pois tal auditório ainda é acanhado para a assistência que, todos os dias, procura o Palácio do Rádio.

* A legislação sôbre Rádio, em nosso paiís, passa por completa revisão, num exame feito por uma comissão de representantes do D.I.P., Ministério da Viação e representantes das emissoras. A mesma comissão deverá apresentar, em conclusão, o ante-projéto de um Código Brasileiro de Rádio-Difusão. Da entrevista que o sr. Paulo de Carvalho, presidente da Rádio Recorde, concedeu à "Folha da Noite", local, em 15 de outubro, destacamos: "Efetivamente - disse-nos de inicio s.s. — acaba de ser organizada essa comissão, da qual somos um dos membros. Não era mesmo de se estranhar que o governo federal tomasse uma medida nesse sentido, visando unificar as leis que regem a radiofonia no Brasil. Nada menos que quatro decretos e cerca de oito portarias regulam a matéria. São os decretos ns. 20.047, de 26 de mar-

Rosina de Remini

ço de 1931; 21.111, de 1 de março de 1932; 24.655, de 11 de junho de 1934; 24.771, de 14 de julho do mesmo ano e ainda o decreto-lei n. 1.949, de 30 de dezembro de 1939, que regulou as atividades da imprensa e propaganda, discriminando as funções do Departamento Nacional de

Laureano

Imprensa, em relação a esta, ao cinema, ao teatro e à radiotelefonia.

Além disso, pesam na balança, como dissemos, — continuou s.s. — inúmeras portarias da Comissão Técnica de Rádio. Um ponto digno de ser ressaltado também é que, pela primeira vez no Brasil, o governo procura ouvir um representante das estações de rádio, a respeito da legislação que as rege. ' E mais adiante: "— Ha, por exemplo, o caso dos locutores extrangeiros. Segundo parece, para o próximo ano apenas será concedida permissão a quatro estações brasileiras para organizarem programas em língua extrangeira, com locutores extrangeiros. Até agora a nossa legislação não cogitára do assunto."

* Rosina de Remini regressou a esta Capital, duma vitoriosa excursão ao norte e à Argentina.

* O Brasil, em estações emissoras vence numericamente Alemanha, Inglaterra, França India e Argentina. Com 72 emissoras, no continente somos os primeiros. 34 emissoras estão localizadas no Estado de São Paulo, 1 em Mato Grosso e outra em Goiás. E, do Espírito Santo para o Norte, existem 8.

* Heloisa Helena declarou que "o cigarro é para mim, um ótimo reconstituinte cerebral".

* Pablo Zarre, cronista colombiano, escreveu que Pedro Vargas é "o cantor feio que, cantando, encanta as mulheres e as faz sonhar lindos sonhos de amor".

* Em nossa última secção, nas legendas da página ilustrada de "Microfone", por um lapso de revisão, em vez de "Vicente Celestino", saiu "Celestino Paraventi". Aí fica a retificação.

•

Fique sabendo que...

... Nos Estados Unidos, vendeu-se, no ano findo, mais de 10 milhões de rádios. Para o presente ano, calcula-se a venda em 11 milhões.

•

A voz do mundo

A Teatrolândia da BBC, de Londres, vem apresentando as melhores produções teatrais do West End. Assim, já foi apresentado **Up and doing,**

sucesso de Saville Theatre; bem como **Thunder Rock,** êxito também, mas como obra séria.

*** A mesma emissora londrina apresenta, semanalmente, o programa "Querida Mamãe". Os soldados britânicos lêm ao microfone da BBC a carta que enviarão à sua mãe. Esse programa nasceu da leitura de uma carta de um soldado a seu mano. O sucesso fez com que fosse creado um programa especial.

*** Todos sabem que os sinos, nas guerras, são usados para fins militares. Velhos bronzes de tradicionais templos são usados para a defesa da nação. Assim, os intervalos inter-programas eram marcados, pela BBC, com os sinos da igreja de St. Mary-le Bow em Holborn.

Agora, esses intervalos são assinalados com as notas si, si, dó, representadas, na nomenclatura inglesa da música, pela BBC; antes disso, adotara-se o "tic-tac" de um relógio, a que jocosamente, os ouvintes, haviam chamado de "os passos do fantasma com tamancos".

*** O serviço de onda curta da BBC, para a América Latina, é dirigido nas frequências seguintes: **norte do Amazonas:** — 9,51 meg. (31,55 m.) GSB; **sul do Amazonas:** — 9,51 meg. (31,55 m.) GSB; 11,86 meg. (25,29 m.) GSE; 15,14 meg. (19,82 m.) GSF. GSF emite até 23 hs.; GSE até às 23 hs.; e GSB até às 23,30 hs. (Hora do Brasil).

•

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

"Boletim em Português", da BBC, de Londres, números 126 e 127.

(Convites, consultas ou qualquer comunicação para esta secção, em em nome do cronista, devem ser dirigidas a RESENHA MUSICAL, — Rua Cons. Crispiniano, 79, 8.º and.).

Genésio Pereira Filho

RESENHA MUSICAL

Apreciada pelo mais importante diario de informações comerciais de São Paulo, "Comercio e Industria" —, em sua edição de 5-11-940, publicou sobre a nossa revista, um brilhante editorial, assinado pelo seu ilustre Redator-chefe, sr. Moacyr de Barros Mello.

"RESENHA MUSICAL"

Quando verificamos que, na imprensa especializada, uma publicação, pelo esforço de seu diretor e acolhida de seus leitores, consegue triunfar, ficamos sobremaneira satisfeitos. Satisfeitos, sim, porque temos visto dezenas de pessôas, também bem intencionadas, que se sa-

crificaram para obter leitores para sua publicação, e, às vezes, não obtêm o resultado merecido: perdendo a coragem, ou porque não dispõem de recursos, abandonam o trabalho, quasi sempre com alguma mágua, decepcionados.

E é por isso que, como dissemos de início, quando nas lides jornalísticas. vemos o triunfo de uma revista, já sabemos dos sacrifícios por que passaram os seus fundadores ou o seu diretor.

Ainda, agora, recebemos um exemplar da magnífica publicação "RESENHA MUSICAL", editada e dirigida pelo Prof. Clovis de Oliveira, intelectual bastante apreciado em nossa terra.

O número, em apreço, se refere às festividades havidas na redação da revista, por ocasião do seu II aniversário, quando se inauguraram, também, as suas novas instalações e o retrato do Dr. Getulio Vargas, DD. Presidente da República.

Trata-se de uma publicação estritamente dedicada à música, à arte e à literatura.

Está consagrada em todo o Brasil, como sendo uma revista indispensavel a todos quantos se dedicam à arte de Mozart, Bach, Beethoven, Chopin, etc.

"RESENHA MUSICAL", como bem frisou o Professor Clovis de Oliveira, seu diretor, "pequena que era, se avoluma, cresce, agiganta-se sob o incremento e influxo de um ideal que não lhe é ficticio, porque origina-se dele, viverá dentro dele e o defenderá sempre, difundindo-o tanto quanto possivel: **Nacionalizar, instruir e educar, pela música e pelo idioma do Brasil.**

Quem esse ideal abraça, persistente e dedicadamente, não pode falhar, ao contrário, vence, como venceu o nosso confrade Clovis de Oliveira.

Conta, ainda, "RESENHA MUSICAL", com quadro de colaboradores dos mais brilhantes em nossa terra.

O número que temos em mãos e que se refere aos meses de Julho a Setembro deste ano, além de ótima colaboração e noticiario, insere, em sua capa de frente, o retrato do insigne e pranteado campineiro, o grande maestro CARLOS GOMES, que o mundo inteiro conhece e consagra.

Ao Professor Clovis de Oliveira, pois, os nossos efusivos abraços, por tão brilhante vitoria, que vem alcançando e votos por que continue a espalhar pelo Brasil afóra, através as páginas de "RESENHA MUSICAL", os bons ensinamentos e a incentivar os artistas brasileiros a trabalharem para dar ao Brasil o fruto do seu labor e ao mundo a prova do que somos, na arte musical.

Moacyr de Barros Mello"

Do Folclore Colombiano

As Festas de São João

Prof. **Emirto de Lima**
Barranquilla, Colombia), especial para **"Resenha Musical"** — Tradução de Genésio Pereira Filho

Em outra crônica, referimo-nos ao inveterado costume que têm quasi todos os povos de nossa América Espanhola, de eleger, por especial protetor, a algum santo titular da Igreja.

Os moradores do Bairro Sur, desta capital, têm a São Roque não sómente como muito milagroso e complacente, senão como um patrono, cuja proteção recebe a cidade, desde sua remota fundação.

E, claro está, quando se aproxima 16 de agosto, dia deste Santo, aureolado de bondades e de ações extraordinárias, toda a cidade se move ao conjuro das vozes da tradição e dos écos das recordações; e as conciências religiosas e populares se despertam, adejadas por doces rememorações do passado.

As buliçosas festas **roquenhas** se verificam ao largo da ampla rua, onde se acha localizada a suntuosa Igreja de São Roque, administrada por Sacerdotes pertencentes à Ordem Salesiana. O programa destes festejos se elabora com antecipação e na confecção do mesmo, intervêm respeitaveis senhores do comércio e de atividades industriais e sociais, aconselhados por elementos populares, chefes de grupos obreiros, conhecedores do bairro e das possibilidades folclóricas dos habitantes que moram neste setor. A primeira cousa que se combina, na divisão ordenada do programa, é a parte encomendada à cúria: missas solenes, novenas, procissões, comunhões especiais, panegíricos a cargo de notáveis oradores, etc.

Logo, segue a distribuição das tendas e estalagens improvisadas ao largo de toda a rua da mencionada igreja. Bazares, vendas de comestíveis e resfrescos, pequenas ferrarias, minúsculas tendas repletas de telas vistosas, sapatos, chapeus e outros objetos de vestir, restaurantes tropicais, cantinas creadas à última hora, mesas de jogo, etc., tudo isto se aperta em fileiras intermináveis. E, em frente a estes estabelecimentos de vida efêmera, se estabelece uma numerosas quantidade de agoureiros, oradores populares, paroleiros, pregoeiros, adivinhadores da sor-

te, narradores de historietas e anedotas e gente desejosa de seduzir os incautos, com suas narrações arrepiantes, com o fim de conseguir uns centavos, para continuar a festa.

Como número terceiro dos festejos, figura o seguinte: no final da Rua, se erige um enorme aparato, feito de madeira ordinária, sôbre o qual aparece a Imagem de São Roque. Este aparato, chamado pelos habitantes da cidade **"Castilho"**, destinado a ser consumido pelo fogo, forra-se antes com foguetes, luzes de bengala e outros cartuchos cheios de pólvora, obra dos senhores Altamiranda, mestres da pirotécnica local. Na noite da queima, acodem a presenciar o luminoso espetáculo, milhares de espectadores ansiosos de emoções fortes. Fazem sua aparição, duas ou três bandas, que executam marchas ardorosas e em meio de um entusiasmo e de uma algaravia que raiam ao indizivel, o encarregado de colocar fogo à mecha principal do **castillo**, cumpre sua missão. Os moços cantam de gosto, as donzelas lançam olhares e sorrisos de satisfação e os velhos suspiram, ao rememorar os tempos já idos, em que iam com a companheira tomar parte nestas zambras "roquenhas".

A quarta parte do programa se refere à apresentação da tauromaquia local, durante oito dias consecutivos. Esta semana, consagrada à arte de lidar os touros, é indispensável aqui, porque a afeição a este espetáculo está muito arraigado no temperamento dos filhos desta costa. As corridas se efetuam das 4 às 6 da tarde, na Rua da Igreja e os moradores se vêm obrigados, para defender suas casas das acometidas dos touros e dos atropelos dos espectadores, a construir sendos estacadas, frente às suas residências. Durante estas lidas taurinas, sóe haver contundidos e feridos; mas, tambem a meúdo, o grande público que assiste a estas tardes, sóe contemplar assombrosas evoluções por parte dos improvisados tou reiros locais.

A parte quinta das festas roquenhas, interessa diretamente ao folclorista. E é a contribuição especial que prestam a estes festejos os numerosos trovadores, copleiros e músicos ambulantes, instrumentistas boêmios que perambulam noites inteiras no bairro, com guitarra ou o tiple nas mãos e seguidos de seus admiradores, improvisando versos e melodias, alguns dos quais resultam verdadeiramente felizes. Lastime-se que a maioria destas improvisações, as leve o vento. Por acaso, de tarde em tarde, algum viadante, observador perspicaz ou admirador destas manifestações vernáculas, faz uso de seu lapis, para tomar ligeiros apontamentos.

É bem sabido que, em toda nossa América Espanhola, dois dos principais elementos, que hão de figurar sempre nestes festejos populares, são as abundantes comidas e bebidas, confecionadas saborosamente por competentes mestres da arte culinária local.

Cada região, comarca, setor, etc, tem suas bebidas e pratos prediletos.

Apresentamos, em ordem, o menú corrente dos restaurantes típicos, que funcionam na Rua São Roque, durante a semana de festejos:

Pasteis
Butifarra (1)
Pão recheiado
Pescado em Escabeche
Saladas

1) — Nota do tradutor: "espécie de chouriço ou linguiça; pão dentro do qual se mete presunto e salada".

Perú recheiado
Galinha recheiada
Fritos de arepas
Carabañuelas (2)
Filhós.

Tudo isto, está claro, acompanhado de **mazato**, garapa gelada, chicha de arroz, essência de canela, cerveja, rum branco, rum velho, vinho, anisado e uma grande quantidade de refrescos, feitos com diversas essências.

O PAU DE SEBO

Como acontece em certas povoações da França, o povo costeiro da Colombia gosta muito desta diversão.

A vara de prêmios, entre nós, a forma uma vara muito alta e redonda, untada de sebo, em cujo extremo se colocam guloseimas, vidrinhos de perfume e agua florida, bolsinhas com dinheiro, garafas de cerveja e outras coisas, para que os alcancem, trepando por êles, os afeiçoados a este esporte, que, no geral, são moços hábeis nestas manobras. Com o objetivo de alcançar os prêmios, sem tantas dificuldades, costumam os rapazes encher os bolsos de areia fina e, durante a ascenção enchem as mãos desta terra, e, assim, segundo êles, agarram melhor e escorregam menos. No geral os primeiros que trepam pelo pau não chegam ao extremo. A enorme quantidade de sebo que é posta impedem a ascenção. Mas os últimos em trepar alcançam sua presa com relativa facilidade e não menos emoção. Tudo isto se faz tambem com música e entre furiosas aclamações e constantes alaridos por parte da grande massa assistente deste desporto.

OUTROS ESPETÁCULOS EMOCIONANTES

Em outro sítio estratégico da rua, colocam-se vários barrís, cheios de aparas de madeira. Depois de empapar devidamente este material inflamante de uma grande quantidade de petróleo, a um sinal combinado, os encarregados de fazê-lo põem fogo ao conteúdo dos barrís. Consequência desta operação, são as enormes chamas que se formam em seguida. E, agora começa o verdadeiro espetáculo forte. Os saltadores, já alinhados convenientemente, do outro lado, umas vezes com fortuna, outras em estado bastante deploravel. Depois do espetáculo, comenta o público quantos feridos e quantos queimados houve e quais dos concorrentes foram os mais valorosos. Os triunfadores são convidados a libar abundantes copos e os espectadores os aplaudem frenéticamente.

OS BAILES PÚBLICOS

Esta parte do programa dos festejos é também importantíssima.

É curioso verificar como trata sempre o povo desta costa atlântica, de estabelecer distintas classes sociais entre êles. É este um costume que vem de tempos pretéritos. Todos os velhos costeiros recordam, por exemplo, que faz uns lustros, durante as festas do Carnaval, enquanto uma parte dos empregados de navegação e dos artesanos de bôa educação, se divertia e msalões arranjados especialmente para ela, a outra classe obreira, menos considerada socialmente, não tinha abcesso a estes salões. E, para o povo de baixa esfera, que era a última classe, construia-se

2) — Nota do autor: croqueta de yuca ou batata recheiada e carne ou pescado.

por um contratante (o qual, para todos os gastos deste salão fazia uma coleta no comércio) um Salão Público, situado na Rua de São Roque.

Pois bem, durante as Festas a que fazemos hoje menção, ao tempo em que muitos elementos populares organizam bailes e tertúlias em suas casas, é indispensável também a construção e o conseguinte ajuste de um **Grande Salão Público,** onde encontram os pares populares, amplo campo para suas evoluções coreográficas... E, a uma distância de várias quadras, se coloca também a **Dansa da Cumbiamba,** à qual os elementos de menor categoria social assistem. Baile enervante, de ritmos africanos e melodias turbadoras, a **Cumbiamba** se prolonga até o amanhecer, entre demonstrações de alegria, gritos desafinados, incessante golpe do tambor e dos movimentos violentos e espasmódicos.

——o——

Com vossa permissão, amáveis leitores, trazemos, agora, outros écos de uma noite **roquenha,** captados frente a um grupo mosqueado de espectadores.

A hora é radiante de júbilo e de inquietudes.

Brotam do conglomerado vozes sonoras e alegres. Acercam-se os humildes trovadores, rapazes sadios do bairro, os quais, nesta hora enervante e apaixonada, vêm disparar as suas frechadas e galanteios, ou a contar-nos suas aflições e angústias.

Revoltosas e expansivas, desfilam ante as retinas dos assistentes à festa, as filhas do povo, enfeitadas de suas melhores galas. São objetos de estribilhos sazonados com pimenta, por parte de um poeta desconhecido, que se acha próximo de nós. Ameudam os brindes e as bebidas. O ambiente se abraza mais e mais. Apertam-se os pares. As bandas executam músicas violentas. O tambor retumba incessantemente. Da face dos espectadores, correm grossos fios de suor. Ouvem-se, então, não muito distantes, os estalidos dos fogos de artifício e os écos das vozes dos pregoeiros, que não cessam de proclamar a excelência dos produtos que oferecem à venda.

Repentinamente, aparece em um alpendre um moço de bairro, que sabe tocar a guitarra com regular destreza e, possuido de grande fecundia, começa a improvisar com graça. Os assistentes disputam o palmo do terreno, rodeam o cantor e o aplaudem frenéticamente. Uma morena, com ademan comunicativo, lhe pede que cante novamente.

Nosso homem lança um sorriso triunfal e, com um ar muito gitano, começa a trovar de novo:

"Cuando quise no quisistes
Eram mis penas tus glorias
Y hoy que vós queréis
Otra reina em mi memoria."

E prosegue, entusiasmado:

"No canto porque me oigan
Ni porque mi gracia es buena
Canto por divertirme
Y darle alivio a mis penas."

"Los ojos de mi chinita
Son ojos negros y azules
Se parecen a los cielos
Cuando se ocultan las nubes."

Agora, olhando a uma camponêsa, de negros olhos e oferecendo-lhe seu instrumento musical, lhe diz:

"Quieres afinar la guitarra
Con el más dulce son
Con un son tan dulce
Como tu corazón."

Nêsse interim, um espectador lhe pede uma copla, a mais sentida, mais expressiva. Ele não tarda um instante em oferecer esta copla:

"En la balanza de amor
Me puse a pesar firmeza
— Qué importa que el fiel sea
[bueno
Si la falla está en la pesa?

——o——

Existem outros detalhes, que contribuem ao bom êxito dos festejos. Por exemplo: a música dos concurrentes aos desportos, os caprichos da indumentária feminina durante os bailes públicos, as novas composições musicais que são estreiadas, a decoração com que se engalana o Grande Salão Público, os chistes e as historietas que contam os **hazmereires** (3) dos folguedos ,a combinação das luzes com que adornam a Igreja, a organisação do trânsito de veículos pela rua onde se efetuam os números do programa elaborado, a ordenação do movimento desenfreado que agita convulsivamente aquela multidão que salta e grita, extende-se pela ampla rua, cheia de ansiedades que repercutem e se enlaçam de paixões.

3) — ha-zmereires (nota do tradutor): "bobos, tolos, alvos da rizota".

Músicas novas

RESENHA MUSICAL recebeu:

HOMENAGEANDO A SUPERIORA
J. Capocchi — 1940
Ed. Música Para Todos
— São Paulo —

Um híno muito bonito para ser cantado pelas colegiais, à duas vozes iguais A letra é de Ikopac. O Maestro J. Capocchi é autor de outro hínos escolares e religiosos. **Homenageando a Superiora** veiu aumentar valiosamente a rica e numerosa coleção de suas obras.

Seis SONATINAS — CLEMENTI — Rev. Souza Lima — Edição I. M. C. n. 3.007 — São Paulo

As SONATINAS de Clementi são como que um medicamento indispensável a todos iniciantes nos estudos pianístico e que atingem, vamos assim dizer, o 1.ª gráu de seu adiantamento. Sôbre o valôr das mesmas, nada mais teremos a acrecentar às tantas apreciações feitas durante mais de cem anos à preciosa obra de Clementi. Apenas temos a salientar nesta nova edição da Impressora Moderna, de São Paulo, a excelência da moderna e minuciosa revisão feita pelo notavel virtuose brasileiro Souza Lima. Podemos afirmar, sem receios de errar, que esta é a melhor edição nacional das SEIS SONATINAS DE CLEMENTI.

Xisto BARRETO

(Todas as obras para esta secção, devem ser endereçadas para Xisto Barreto, **Resenha Musical** — Rua Cons. Crispiniano, 79 — 8.º and. São Paulo).

VARIAS...

MUSICA POPULAR BRASILEIRA

Como adendo a linda conferência que publicamos no presente número sôbre MUSICA POPULAR BRASILEIRA, pronunciada pelo ilustre membro da Academia Paulista de Letras e da Escola de Belas Artes e nosso brilhante colaborador, dr. Ulysses Paranhos, transcrevemos o excelente programa que a ilustrou:

1) Marcha (abertura), pela Orquestra da A.E.A.S., sob a direção do Maestro Elias Machado;

2) Discurso, dr. João Castellar Padin;

3) 1.ª Parte da Conferência, Dr. Ulysses Paranhos;

4) Ilustrações musicais ao violão por um grupo de alunas da professora Julieta Corrêa Antunes:

Igualdade ilusória — João Carneiro;
Borboleta do Natal — autor ignorado;
Um fado — autor ignorado;
Tayêras — autor ignorado;
Batuque — Jamil Andraus;
Gondoleiro do amor — autor ignorado;
Chôro — autor ignorado;
J. Carvalho — Tarde dourada;

5) Intermezzo — pela Orquestra;

6) 2.ª Parte da Conferência, — Dr. Ulysses Paranhos;

7) Canto pela sra. d. Carmen Dulce Marcondes Machado:

J. B. Julião — O coração é um colibrí;
M. Tupynambá — Canção da guitarra;
H. Tavares — Casa de cabôclo;
H. Tavares — Maria Rosa;
M. Tupynambá — Versos escritos na areia;
J. Carvalho — Tarde dourada;

8) Sólos de piano pelo sr. Odmar Amaral Gurgel (Gaó):

E. Nazaret — Expansiva; Carioca; Amaeno resedá; Bregeiro; Desengonçado; Confidências; Atrevido; Travesso; Apanhei-te cavaquinho;

9) Canto pela sra. d. Celina Sampaio (da Escola Vera Janacopulos):

M. Andrade — Roseas flôres d'alvorada;
F. Mignone — Improviso;
Felix Otero — A flôr e a fonte;
F. Braga — Engenho Novo.

Os acompanhamentos ao piano foram feitos pela srta. Haydée Menezes.

DOM JOÃO BATISTA SCALABRINI

RESENHA MUSICAL foi distinguida com honroso convite para assistir a solene comemoração do Centenário de nascimento do grande Bispo de Placência (Italia) e fundador da Pia Sociedade dos Missionários de S. Carlos, Dom João Ba-

tista Scalabrini, que realizou-se em 2 de Outubro, às 20,30 horas, no salão do Círculo Iitaliano.

Do ótimo programa constaram números musicais a cargo das srtas. Henriqueta Peracchi, Lina del Vecchio, Margarida Nagy e Norma Caixe e srs. Armando Zóboli e Vasco Bianucci.

O sr dr. Attilio Venturi fez por ocasião uma conferência sôbre a personalidade e a obra de D. João Batista Scalabrini.

Numa das partes do programa três orfãzinhas do Orfanato Cristovão Colombo recitaram lindas poesias.

Maestro Armando Lameira

Deu-nos a honra de sua visita em 30 de outubro, o Maestro Armando Lameira que se fez acompanhar pelo nosso prezado amigo e brilhante colaborador, prof. dr. Artur de Macedo.

Durante estes últimos meses visitou com êxito todas as cidades do norte e nordeste do país, realizando antes de vir a S. Paulo, dois importantes concertos no Rio de Janeiro.

O ex-aluno de Carlos Gomes, que frequentou o Conservatório de Belém, no tempo do saudoso e imortal compositor campineiro, completou seus estudos em Milão, com De Angelis e Galli.

Melodia

Genésio PEREIRA FILHO

(De "Cantos do Infinito", em preparo)

Minha alma tinha vibrações de um
estradivárius...

Uma noite me disseste
Que amavas a música,
Que ela era a tua loucura
E na obseção dos ritmos te sublima-
[vas...
Contaste-me que a música
Aos céus te transportava
E que em ascése vivias
Quando uma serenata corria pelo
[éter
Ou quando uma valsa ouvias.

Disseste ainda que amavas o violino,
Que as vibrações de suas cordas
Te faziam sonhar,
Te faziam imersa em mundo subli-
[me...

Mas, o que não percebias
Era que meu sêr soluçava,
Pois se a música amavas,
Não sentias os acordes que minha
[alma
Para ti guardava,
Na vibração louca de um amor sem
[éco...
Não sondaste o violino
Que eu tinha no coração,
Não amaste as melodias de Cremona
Que eu trazia para ti.
Não percebeste que minha alma
Tinha vibrações de um estradivárius,
Que eram todas para ti
E que já em mim perecem sem éco...

Instituto Interamericano de Musicologia

Realizou-se em 24 de Outubro, no Salão da Associação Cristã de Moços, de Montevidéo, uma conferência do sr. dr. Ralph S. Boggs, catedrático de folclore da Universidade de Carolina, Estados Unidos, que discorreu sôbre o têma: "O folclore nas

Américas". O ilustre conferencista foi apresentado pelo sr. prof. Francisco Curt Lange, DD. Diretor do Instituto Interamericano de Musicologia.

* Em 31 de Outubro, no Salão Nobre da Universidade de Montevidéo, promovido pelo Instituto Interamericano de Musicologia, o sr. Prof. Jossué Teófilo Wilkes, fez uma conferência sôbre o têma: "Investigações sôbre a rítimica no Cancioneiro popular argentino".

Audição de Alunos

Com o concurso de um grupo de talentosos alunos, o sr. prof. Samuel A. dos Santos, realizou em sua residência, em 26 de Outubro, uma audição escolar.

Tomaram parte no fino programa organizado, que constou sómente de números de piano, as srtas. Anezia Serrati, Angela Cipic, Alice Sabagg, Joaninha F. Chiabotti, Nilce V. de Oliveira e o jovem Roque Amaral Gurgel Bueno Todos os números, sem exeção, lograram agradar o auditório, e os executores revelado grande progresso pianístico e musical.

RESENHA MUSICAL que se fez representar, agradece o convite enviado e felicita o ilustre prof Samuel A dos Santos, pelo sucesso de sua 1.ª Audição de Alunos.

Conservatório Musical "Carlos Gomes" de Campinas

Dentre os poucos estabelecimentos de ensino artístico existentes no interior do nosso Estado, acha-se na vanguarda pelas suas realizações, o modelar Conservatório Musical "Carlos Gomes", de Campinas, sob inspeção preliminar Estadual. O referido estabelecimento de ensino artístico, realiziu em 31 de Outubro, uma brilhante audição infantil, na qual tomaram parte inúmeros alunos dos diversos cursos instrumentais do Conservatório.

Vamos dar aqui o nome dos que figuraram no lindo programa: Léa Zigiati, Mildrede Fernandes, Eunice Nogueira, Dirce Paulo, ClariceA. de Oliveira, Maria Stella Maia Grenadier, Paulo Porter, Zica Amaral, Maria H. Leme Franco Jorge, Edith Ferraz de Abreu, Teresinha de Vito, Rubens do Amaral, Virginia Nice Ferraz Vilaça, Dirce e Nidia Jacobucci, Corrêa Rosa, Ivaní Corrêa, Pierina Maria H. Fonseca Sampaio, Dirce Tulio, Araci Tré, Arnaldo Pesciote, Lizete Marcondes Machado.

Noivado

Recebemos a participação do noivado da exímia pianista profra. Yole dos Santos Rodrigues, ilustre professora do Curso Musical do Colégio Kemper e nossa digna representante em Lavras, Estado de Minas Gerais, com o sr. Diogo Dias Paes Leme.

RESENHA MUSICAL agradecendo, deseja felicidades aos jovens noivos.

E. di Cavalcanti

Com a presença de numeroso público, realizou-se em 15 de Outubro, a inauguração da primeira exposição do ilustre pintor E. di Cavalcanti, após o seu regresso da Europa.

A fina mostra de arte que esteve franqueada ao público pelo espaço de quinze dias, conseguiu despertar a atenção do meio artístico da Paulicéia, pelo valôr das télas expostas.

Frutuoso Viana

Depois de percorrer algumas cidades do interior paulista, Campinas, Pirajuí, Araçatuba e Marilia, seguiu para o sul do país o aplaudido pianista Frutuoso Viana que dará concertos em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

Igreja N. S. de Fátima

Em 24 de Novembro, sob a direção abalizada do prof. Frederico De Chiara, será cantada uma Missa da autoria do Maestro João Gomes de Araujo, na Igreja N. S. de Fátima, no Sumaré.

Prestará o seu concurso a êsse festival um côro de 250 vozes, que será composto pelas alunas da Escola Normal "Caetano de Campos".

AUDIÇÃO ORFEÓNICA

Como foi largamente noticiado pela imprensa diaria desta Capital, realizou-se em 25 de Outubro, às 16 horas, no Salão Nobre do "Circolo Italiano", uma audição orfeônico- infantil, promovida pelo Departamento de Educação, dedicada à imprensa e aos educadores.

O programa constituido de contos educativos e que esteve a cargo do Orfeon do Grupo Escolar "Eduardo Prado", sob a regência do Maestro Fabiano Lozano, Chefe de Música e Canto Coral, foi o seguinte:

1) Meu professor — F. Lozano;
2) Amigos — Folclórico;
3) Brincar e cantar — Folclórico;
4) A casinha branca — Folclórico;
5) Jagunço — Folclórico;
6) O bem-te-vi — F. Lozano;
7) Dádiva do coração — Folclórico;
8) O filho do jangadeiro — F. Lozano;
9) O pequenino vendedor de jornais — L. Beethoven;
10) Pela Pátria - A. Carlos Gomes.

Sob a admiravel regência do prof. Fabiano Lozano, os pequenos escolares após a leitura dos contos infantís que precederam os cantos e por cujos assuntos se achavam ligados entre si, cantaram de maneira segura e encantadora as dez pequenas joias que compuzeram o lindo programa.

RESENHA MUSICAL agradece o honroso convite do sr. dr. Romano Barreto, dd. Diretor do Departamento de Educação, para assistir a referida audição, à qual se fez representar.

MAESTRO FABIANO LOZANO

visitou o Orfeon Infantil do Grupo Escolar "João Vieira"

Visitou o Grupo Escolar "João Vieira de Almeida", desta Capital, em fins de Outubro, o ilustre Chefe de Música e Canto Coral do Departamento de Educação, prof. Fabiano Lozano.

O fim principal de sua visita foi ouvir uma demonstração do Orfeon Infantil do referido Grupo Escolar, que obedece a criteriosa e competente direção da profra. Nair de Oliveira. Foi executado um ótimo programa musical, durante o qual foi oferecido um fino ramalhetes de rosas ao digno visitante.

A reunião agradou sobremaneira ao ilustre visitante, que teve palavras de entusiasmo pelo que lhe foi dado ouvir. RESENHA MUSICAL, especialmente convidada fez-se representar.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

"Gazeta de Paraopeba" — jornal. — Paraopeba, Minas Gerais;

"Revista Bridge" — n.° 7 — Setembro - 1940 — S. Paulo;

"Cultura" — revista do Centro Normal de Cultura, n.° 2 — Setembro de 1940 — Limeira;

"O Democrata" — jornal, Jaboticabal;

"Belas Artes" — Agosto e Setembro - 1940 — Ano VI — n.° 61-62 — Rio de Janeiro;

"Comércio & Indústria" — boletim diário de informações de São Paulo — Diretores: José dos Santos Júnior e Moacyr de Barros Mello;

"Ciências e Letras" — órgão da Academia de Ciências e Letras, de São Paulo — Tomo VII - 1940 — Ano IV — Diretor: Dr. Manuel Viotti;

"Tribuna de Batatais" — jornal — Batatais — São Paulo;

"Música Viva" — orgão do Grupo Música Viva — Ano I - n.° 5 — Outubro - 1940 — Rio de Janeiro.

ANIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DE HONDURAS

Em regosijo pela passagem do aniversário da Independência da República de Honduras, 15 de Setembro, o Consul de Honduras, sr. prof. Emirto de Lima ofereceu ao Governador do Departamento do Atlântico e demais autoridades civis e militares colombianas, uma brilhante recepção da qual transcrevemos o programa musical:

Primeira parte

1 — **Híno Nacional de Honduras,** Cantado pelo Côro do Colégio Atlântico e violino por don Víctor M. De Andreis.

2 — **Híno Nacional da Colombia,** Cantado pelo mesmo Côro.

3 — **Palavras do Consul de Honduras.**

Segunda parte

1 — **Tu alma,** Lied de Eduardo Sánchez de Fuentes (Cuba).
Interprete: Barítono Paco de la Riera.

2 — **Mirra,** de Guillermo Bustillo Reina (Honduras)
Valle de Lepaguare, de Froylán Turcios (Honduras)
Ave María del Mar, de Rafael Heliodoro Valle (Honduras)
Intérprete: Señorita Carmen Cajeli.

3 — **Balada Mexicana,** de Estanislau Mejía (México)
Intérprete: Señorita Margarita Olano.

4 — **Marujita,** de María Luisa Escobar (Venezuela)
Intérpretes: Coro del Colegio del Atlántico
Solista: Srta. Flor Tovar
Violino: Don Víctor M. De Andreis.

5 — **Canción Brasileña,** de Francisco Mignone (Brasil)
Intérprete: Barítono Paco de la Riera.

6 — **Dulce, pequeña mía,** de Emirto de Lima (Colombia)
Intérprete: Señorita Margarita Olano.

7 — **Zamba de Rosarito,** de Felipe Boero (Argentina)
Intérprete. Señora Dª Matilde Florido.

8 — **Preludio,** de Pedro Humberto Allende (Chile)
Intérprete: Señora Dª Matilde Florido.

FALECIMENTO

Maestro Sílvio Motto

Faleceu em 9 de Novembro, às 22 horas, nesta Capital, o conhecido maestro Sílvio Motto, competente e estimado professor do Conservatório D. e Musical de São Paulo. Deixou viuva a sra. d. Ada Cantagno Motto e dois filhos: Renato e João.

O féretro, com grande acompanhamento, saiu da residência da família, à rua D. Inácia Uchôa, n.º 1, para o cemiterio de Vila Mariana

RESENHA MUSICAL. ao transmitir a infausta noticia aos seus leitores, o faz profundamente pesarosa porquanto o maestro Sílvio Motto foi um dos seus grandes amigos, dos primeiros a apoiarem o aparecimento de RESENHA MUSICAL, tornando-se posteriormente seu assinante, logo que esta revista entrou em nova fase de vida. Admirado sempre pelas suas invulgares qualidades de cidadão e pela cultura musical brilhante que possuia, o maestro Sílvio Motto possuia largo círculo de admiradores e amigos. Professor dos mais afeiçoados ao magistério, labutou durante longos anos no Conservatório desta Capital, tendo passado por suas mãos um pléiade de jovens que atualmente divulgam a arte musical com a mesma bôa vontade e confiança, herdadas do mestre incansavel. Inspirado compositor, deixou numerosas óbras das quais muitas publicadas pelas principais editoras do país.

À distinta Família enlutada, RESENHA MUSICAL apresenta sentidos pézames, que torna extensivos a Direção e ao Corpo Docente do Conservatório D. e Musical de S. Paulo.

PÁGINA INFANTIL

Precocidade de João Sebastião Bach

João Sebastião Bach, para aprender a música, teve que lutar com os seus parentes e irmãos, ardentemente.

O seu irmão mais velho Cristovão Bach, que era um excelente organista, enciumara do talento musical do menino e procurou por todos os meios impedir-lhe o desenvolvimento. Ocultou-lhe das vistas uma importante coleção de músicas para cravo, de compositores notáveis.

Sebastião, que era uma criança muito viva, descobriu o livro que os irmãos esconderam em um armário velho e, cautelosamente, levou-o para o seu quarto. Aí procurou copiá-lo, sem véla, apenas à luz dos longos crepúsculos do verão e da lua. Mas quando copiava com entusiasmo, parecendo-lhe ouvir uma orquestra divina, o garoto é surpreendido pelos irmãos que o invejavam. Imediatamente toma a cópia e o original e os destróe em frente mesmo do pequeno João.

Mas nenhum obstáculo impediu que o talento do pequeno músico se desabrochasse. E é daí então que procura com mais ardor o estudo musical e vamos encontrá-lo aos 18 anos, mestre da Côrte de Weimar. Foi um grande organista e um dos maiores compositores de todos os tempis.

Alfredo Luiz

Aluno da profra. sra. Ondina F. Bonora de Oliveira, Alfredo Luiz Carona da Silva, vem apresentando

reais progressos em seus estudos musicais, podendo, embora com três meses de estudos, apenas, executar ao piano lindos trechos para encanto de seus pais, o distinto casal Pinto da da Silva, e de seus amiguinhos.

Alfredo Luiz comemorou em 14 de Outubro, mais uma data natalicia, completando oito primaveras.

Bravos! RESENHA MUSICAL felicita efusivamente o pequeno pianista e publica o seu retrato para torná-lo conhecido de todos os meninos e meninas, amiguinhos desta "Página Infantil".

RESENHA MUSICAL

homenageada pelo orfeon infantil do Grupo Escolar "João Vieira de Almeida" da Capital

Em 28 de Setembro passado, às 1n horas, à convite do DD. Diretor do Grupo Escolar "João Vieira de Almeida", sr. prof. Hermelino Gonçalves Corrêa, a direção deste mensário de arte, visitou aquele importante estabelecimento de ensino primário desta Capital.

Recebidos pelo sr. Diretor e auxiliar, os Diretores de RESENHA MUSICAL, sr. prof. Clovis de Oliveira e Sra., percorreram o lindo edificio e admiraram suas modernas instalações, depois do que foi dado ouvir o Orfeon Infantil do Grupo, que prestou, por ocasião, uma significativa homenagem aos ilustres visitantes.

Foi executado o seguinte programa:

Híno Nacional Brasileiro — Francisco Manuel) ;

Híno João Vieira (arranjo de Nair de Oliveira) ;

Chopin

Chopin gostava muito de traçar caricaturas e mais ainda em reproduzir os gestos e atitudes dos pianistas mais em moda. Quando menino êle macaqueava os professores do colégio; enfiando na cabeça uma pena fingia o Pastor Tetzel a predicar na igreja.

Tutú Marambá;
Sino da Capéla — João Gomes Junior;
Nosso Brasil — recitativo, — menina Maria Ramos;
O sininho — 4 vozes;
Baile na flôr — João Gomes Junior;
Felicidade — B. Netto;

Orfeon Infantil do Grupo Escolar "João Vieira de Almeida", da Capital

Os toureiros — recitativo — menina Maria Rosa;
Sabiá — João Gomes Junior;
Os gatinhos — 4 vozes;
Patria — recitativo — menina Ivete Giraldes;
Barcarola — Ao mar — Ofembach.

Todos os números foram muito apreciados pelos presentes que não negaram aplausos ao Orfeon e a sua inteligente, competente e esforçada regente, srta. profra. Nair de Oliveira que demonstrou cabalmente os resultados de seu vibrante e eficiente entusiasmo em beneficio da arte musical entre os escolares.

Entre os aplausos dos ouvintes e das colegas, a graciosa menina Norma Pinto leu o delicado discurso que transcrevemos:

"Exmo. Sr. Diretor Hermelino Gonçalves.

Exma. Professora Auxiliar da Direção.

Exmo. Professor Clovis de Oliveira e Exma. Esposa, dignos Diretores de RESENHA MUSICAL.

É de alegria e festa a nossa reunião.

Alegria e festa, por termos a oportunidade de cumprimentar-vos neste risonho dia de vossas visitas ao nosso caro Grupo Escolar e a criançada estudiosa.

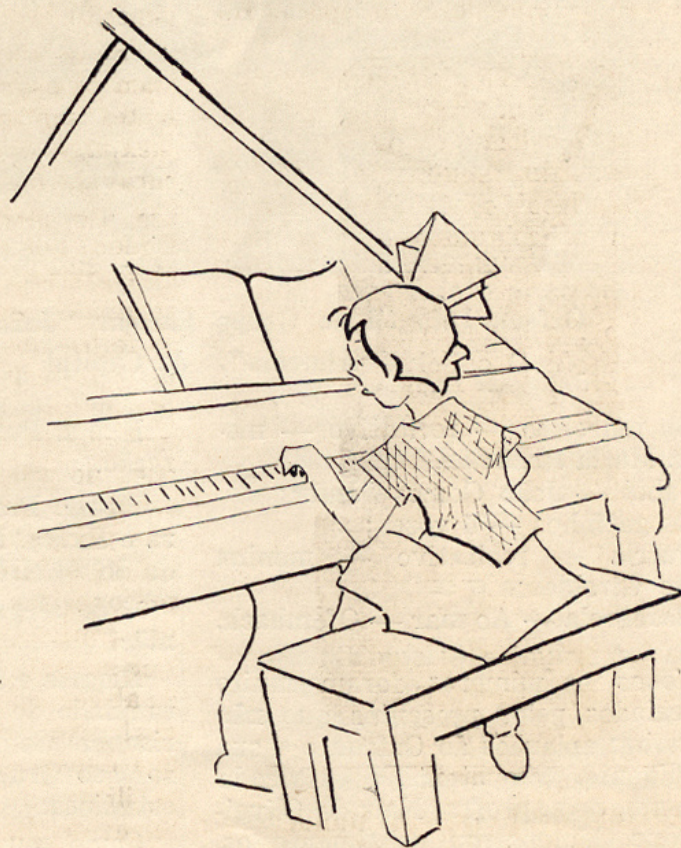
Como musicistas que sois, sabeis perdoar as nossas falhas e bem as-

sim sentireis a sinceridade de nossos sentimentos nestas palavras que vos dirijo. Elas não aumentam a gloria dos vossos nomes, mas a nossa alegria em vos receber, enchem de entusiasmo os nossos corações que já compreendem o que é Grande e o que é Bélo.

Na nossa modestia oferecemos de nossa alma, estas flores ungidas de nossos beijos que com juvenil entusiasmo vos oferecemos neste dia festivo pedindo a Deus que faça os nossos gentís visitantes felizes, muito felizes, para alegria de nossos corações."

Usou da palavra a seguir o sr. prof. Hermelindo Gonçalves, DD. Diretor do Grupo Escolar "João Vieira".

Afim de agradecer as palavras bonitas da pequena escolar e as referências do Diretor do Grupo, falou então o sr. prof. Clovis de Oliveira que disse da magnífica impressão que levava e formulou votos para que o Orfeon Infantil daquele Grupo, continuasse a progredir cada vez mais, para exemplo aos congêneres desta capital e do interior.

Após as palavras do Diretor de RESENHA MUSICAL e do Diretor do Grupo, que encerrou a sessão, foi batida uma chapa fotográfica do explêndido conjunto vocal.

FINADOS

Extratos de um Discurso do saudoso Prof. AMARO EGYDIO DE OLIVEIRA.

O tumulo, o objetivo desta data, vem de proclamar o zenith dos maiores sentimentos universais. O dia 2 de novembro que desde as épocas remotas fôra escolhido para os vivos entenderem-se com os mortos, não podia passar em pecaminoso esquecimento.

Tumulo de Francisco Manuel
Cemiterio Catumbí — Rio

"Se os chinezes no dia de hoje, faziam os espiritos ou as almas, as valentes sentinelas de suas muralhas inexpugnáveis; se os **Drávidas** procuravam nos mortos qualidades bélicas que experimentavam; se o S. Odilon, nos ano mil, encorporou-o no Calendario Católico, organizando as romarias evangélicas, perpetuando os feitos dos mortos, é claro que nós não poderiamos esquecer-nos dos mortos que são a égide das reformas sociais exigidas pela luz suavíssima do progresso, dando uma prova cabal da grandesa de sentimentos que professamos. Negamos em absoluto o fetichismo e as vilanias de preconceitos, que as doses quinadas das antigas opressões vieram extasiar-se ante a potência do exemplo de abnegação que havemos dado provas! Não. Nós só aceitamos a luz que espanca as trevas; a paz que equilibra as forças onipotentes da terra, do mar e da exhuberancia da natureza que sobrepuja o escopo de

fidalguia que foge espavorido as credencias do rei Leal! Sim; aceitamos a justiça, o direito, como liames essenciais da estabilidade do Universo!"

"Mas, a justiça humana é tardia, porém certa, porque é a verdade saida das páginas da historia.

Onde pairam as grandezas dos antigos potentados, que ufanavam-se de ter o destino do mundo encerrado em suas mãos? Eles jazem no eterno esquecimento. Os fracos, suas vítimas imoladas nas chamas das fogueiras, revivem no desenvolvimento das nações e eles, pobres míseros de seu poderio, ficaram alroquelados nos doestos malditos dos filhos da Luz.

Uma geração ficou e outra seguiu.

Uma estafou-se com a **lei viva** dos Cezares e outra arvorou-se com o **direito da razão** dos Antoninos! Uma glorifica-se com a crueldade de Felippe—o Belo e Gregorio VII, outra ergue os manes de Jeronimo Nocauley, de João Hus, que a sanha inquisitorial tragou na voragem de um vulcão.

Uma bebeu no martiriológio a constância e a perseverança, nificando a patria, a família e a sociedade, como atomos indissoluveis da humanidade e outra encafuou-se na casta, no previlegio, nos trônos com resplendores de sua corôa, morreu, extinguiu-se, submersa na poeira que os seus galardões e ouropeis produziram ao esbandalhar o cétro em suas proprias mãos.

A ultima está morta fatalmente, porque traz em suas tradições a nobresa e os reis e outra vive forte e possante com divindade de suas esperanças, avançadas e vencedoras com a democracia e com o povo!

Deixemos, pois, as lagrimas de sangue, vertidas sobre as montanhas de luzes — que são as ciências — e caminhemos firmes e resolutos com suas videncias pregando o evangelho do futuro que é o sentimento do bem, da caridade e da igualdade.

Obreiros que dormís o sôno eterno, que fostes o consolo dos aflitos; o balsamo suavisante das feridas mal saradas, recebei a saudade que punge o nosso coração como expressiva veneração em considerar-vos os mais finos brilhantes da corôa da Humanidade.

Veneremos a saudade: que a Humanidade está de luto!"

Premio "Pró Música", para violinistas

Promovido pela Sociedade Propagadora da Música Sinfônica e de Câmara, do Rio de Janeiro, deverá realizar-se na segunda quinzena de Dezembro, em data e local que serão previamente comunicados aos concorrentes e ao publico, um concurso violinístico para a disputa do valioso Premio "Pró Música", que constará de um violino Guido Pascoli.

As inscrições serão recebidas até o dia 30 de Novembro próximo. A Redação de RESENHA MUSICAL dará todos os esclarecimentos aos interessados.

Composto e impresso nas oficinas gráficas do LEGIONARIO — Rua Imaculada Conceição, 59 — Telefone 5-1536 — S. PAULO

Edições Músicais

Prof. Clovis de Oliveira

ENSAYOS SOBRE LA MUSICA NASCA — André Sas — Separata da Revista do Museu Nacional de Lima, Perú, Tomo VIII, n.º 1.

Antes de tecermos alguns comentários à cerca da valiosa óbra "Ensayo sobre la música nasca", falaremos, embora rapidamente, sobre a personalidade de seu autor, o ilustre maestro André Sas.

André Sas, nasceu em Parìs, em 6 de Abril de 1900. Fez seus estudos musicais na Academia de Música de Anderlecht — Bruxelas e no Real Conservatório de Bruxelas. Laureado por diversos primeiros prêmios, recebeu particularmente conselhos e ensinamentos de Johan Smitt (violino) e Maurice Imbert, de París (Harmonia, Contraponto e Fuga). Dedicou-se primeiramente ao magistério musical, ensinando violino na Escola de Música de Forest-Bruxelas, atuando seguidamente, como solista na Sociedade Nacional de Compositores Belgas, da qual é hoje Membro Honorário.

Veiu para a América do Sul, em 1924, contratado pelo Governo da República do Perú, para reger as classes de violino e dirigir os Concertos de Música de Camara na Academia Nacional de Música e Declamação de Lima. Sua operosidade no campo artístico musical peruano tem sido uma continuação de sua atividade inicial nos centros de arte do Velho Mundo. Pela cultura, inteligência e trabalho — três qualidades brilhantes que orlam rica e invejavelmente sua vida, dando-lhe as láureas da admiração pública e o respeito do meio intelectual americano — André Sas é membro honorário de inúmeras academias e instituições de arte espalhadas pelos continentes. Tem publicado muitas obras para piano e violino e mantem, ainda inéditas, muitas outras.

Segundo a opinião abalizada do prof. Rodolfo Barbacci, nosso brilhante colaborador, residente em Lima, André Sas é um dos maiores musicistas com que conta o Perú presentemente.

André Sas depois de ter fixado residência no Perú, voltou suas vistas para o estudo do folclore peruano, investigando com argúcia e sabedoria os motivos e instrumentos musicais. Como resultado de uma dessas afanosas investigações, o estudo "Ensayo sobre la música nasca", que publicou na Revista do Museu Nacional de Lima, Tomo VIII, n.º 1, e, agora, em Separata.

O autor inicia seu trabalho agradecendo o erudito Diretor Geral dos Museus Nacionais do Perú, dr. Luis Valcárcel, por haver facilitado o exa-

me, sem restrição alguma, dos instrumentos pre-incaicos que se acham expostos aos olhos do público que visita diariamente o Museu Nacional de Arqueologia de Lima.

"Entre os instrumentos construidos no Perú, desde a época pré-hispanica até nossos dias, os da civilização nasca são indubitavelmen e de um modo geral e desde o exclusivo ponto de vista musical, os mais interessantes". E somente deles e unicamente dos sucetíveis de reproduzir uma melodia, o autor faz uma relação longa e preciosa.

Segundo o autor, seu principal objetivo foi estabelecer que a música dos Incas não foi a única que encantara os ouvidos peruanos pré-colombianos.

Depois de vários argumentos sôbre a arte musical dos Incas, relata os únicos instrumentos cantantes conhecidos pelos antigos peruanos: **Kena**, flauta vertical e **Antara** flauta de Pan. Ambas de metal ou de terracota ou, ainda, construidas com canas ou óssos. E a **Ocarina**, feita geralment com terracota. A seguir o sr. André Sas estuda em análise técnica, vinte e oito **antaras**, inclusivé as escalas que cada uma delas ainda são capazes de reproduzir, embora mutiladas pelo tempo. É neste ponto que a óbra de André Sas torna-se inestimavel, substanciada por exemplos musicais e táboas comparativas, inclusivé ilustrações.

Podemos apreciar o admiravel estudo do prof. André Sas, como um important'ssimo prelúdio — bem assentado nas suas bases técnicas — às futuras investigações que serão levadas a efeito na República peruana, cujo povo na opinião do autor, "é um dos mais artistas da América toda e, talvez, do mundo".

PROGRAMA - GUIA PARA O

Curso Fundamental de Piano

José Capocchi — 1940

Ed. Musica Para Todos

Os proprietarios da Casa Música Para Todos editaram um programa para o ensino do piano, dedicado ao Curso Fundamental.

Assunto especializado, a organização de um programa de ensino musical, devia competir exclusivamente às escolas de música, porém, até hoje essas escolas, com algumas restrições naturalmente, nunca cuidaram de organizá-lo devidamente com obras nacionais ou revisões de professores brasileiros, motivo pelo qual a Casa Música Para Todos resolveu incumbir o sr. José Capocchi para reunir num plano mui bem traçado, o material de ensino para o curso fundamental do piano.

"Todos os professores de piano, não sómente os particulares, mas especialmente os professores de colégios, farão obra de patriotismo, passando a adotar este programa que inclui em grande maioria métodos impressos no Brasil, programa que. aliás, nada deixa a desejar sob o ponto de vista técnico". Com estas palavras é apresentado ao público pela casa editora, o pequeno opúsculo.

Adotar livros didáticos de autores nacionais ou revistos por professores também nacionais, é criar uma independência que carecemos pelo progresso da arte musical e, mesmo, do comércio editorial, entre nós. Eis a razão pela qual a iniciativa da Música Para Todos, é louvabilíssima.

Puccini na intimidade

Puccini era natural de Lucca, onde nasceu a 23 de Dezembro de 1858, sendo seus paes o maestro Miguel Puccini e D. Albina Maggi.

Entre os antepassados do autor de "Boheme" e de "Gianni Schicchi", contaram-se varios musicistas, quer executores, quer compositores.

Desde a mais tenra infancia, Puccini cultivou a musica, demonstrando magnifica aptidão para a execução do orgão. Em 1877 a municipalidade de sua cidade natal instituiu um curso para a composição de um híno sobre a letra "I figli d'Italia bella". Puccini apresentou-se ao concurso e a composição com que concorreu não foi premiada, voltando ele a seu estudo. Em seguida a este primeiro concurso compoz Puccini um "motteto".

Um dia em que, a pé se dirigia para a cidade de Pisa, afim de assistir a uma representação da "Aida", foi tal sua impressão sobre a velha opera de Verdi e o seu desejo de conhecer o grande compositor, que essa idéa ficou firme em seu cerebro. A sua familia, entretanto, não querendo afasta-lo dos estudos já iniciados, resolveu pedir o auxilio da rainha Margarida, que foi solicita em conseguir uma matricula para Puccini, numa escola de Milão. O jovem maestro ficou contentíssimo, pois Verdi alí se achava. Decorrido o primeiro ano e terminada a pensão real, que era sómente para aquele prazo, Puccini com o auxilio de um seu tio, estudou os dois anos que faltavam para a terminação do curso preliminar, matriculando-se, em seguida, no Conservatorio de Milão, no qual fez intima amizade com Mascagni, Catalani, Bazzini e Ponchielli. Nesse tempo, Puccini escreveu um "Capricho Sinfônico", que causou grande sucésso, sendo proclamado como verdadeira revelação, tanto que a casa musical da Viuva Lucca, de Milão, a comprou para edita-la.

Saboreando aqueles aplausos, Puccini sonhou com um publico bem maior do que o que elogiava o seu "Capricho", e no firme proposito de agradar às multidões, compoz, sobre o libreto de Ferdinando Fontana, a opera "Villy", que foi lida em presença de Arrigo Boito.

O empresario Stefanoni po-la em cêna, a 31 de Maio de 1884, perante um publico numerosissimo. O sucésso foi completo e Puccini foi obrigado a comparecer à cêna 18 vezes consecutivas. O final do primeiro áto foi repetido tres vezes.

Morrendo, logo depois, a sua progenitora, Puccini ficou inconsolavel e desesperado, só encontrando lenitivo no trabalho. Nessa época produziu a opera "Edgard", drama lírico em 4 atos, representado no Teatro Scala, sem sucésso. Compoz pouco depois a "Manon Lescaut". As sucessivas obras de Puccini nasceram na sua quinta de Torre del Lago, situada entre Lucca e Viareggio. Foi naquele tranquilo logar que viu a luz "La Boheme", opera em 4 atos, sobre libreto de Giacosa e Illica e extrahida da "Vie de Boheme", de Murger.

Apresentada no Teatro Regio, de Turim, no dia 1.° de Fevereiro de 1896, sob a batuta de Toscanini, alcançou um sucésso fantastico. A seguir foram musicadas: "Tosca", drama lírico em 3 atos, de V. Sardou, Illica e Giacosa, representado no Teatro Costanzi de Roma, a 14 de Janeiro de 1900, sob a direção de Leopoldo Mugnone; "Madame Butterfly", tragedia japoneza em 3 atos, de Illica e Giacosa, representada perante um público hostil, no Scala de Milão, no dia 17 de Fevereiro de 1904. Representada novamente, depois de ligeiramente modificada, a 28 de Maio daquele ano, no Teatro Grande, de Brescia, obteve enorme sucésso; "Fanciulla del West", opera em 4 atos, representada pela primeira vez no Metropolitan de Nova York, a 10 de Dezembro de 1910.

As mais recentes operas de Puccini são: "La Rondine", escrita sobre libreto de Adami, representada no Teatro de Monte Carlo, no dia 28 de Março de 1917, sob a direção de Marinuzzi; O Triptico: "Soror Angelica", em um ato, de Forzano; "Il Tabarro", em 1 ato, de Gold; e "Gianni Schicchi", que alguns criticos julgaram como obra prima.

Puccini foi um grande amigo dos humildes. Durante os anos que viveu em sua quinta de "Torre del Lago", manteve a mais cordial camaradagem com pescadores, caçadores e barqueiros dos arredores. Grande amador de caça e da pesca, as horas que seus trabalhos e estudos lhe deixavam livres, empregava-as ele em excursões pelos arredores, ou em passeios cinegeticos por entre as moitas de caniços do tranquilo lago. Conta-se que certa vez caçava ele no lago em companhia de um dos seus tantos simples e rudes amigos.

O dia estava lindissimo, o ar calmo, o lago tranquilo como um espelho. Tudo, portanto, autorizava a crer que a partida seria coroada pelo mais brilhante sucésso. Sómente havia um inconveniente: a caça estava proibido. Puccini e seu companheiro tinham tomado lugar num pequeno barco, e deslisavam silenciosamente sobre as aguas do lago, o olhar atento, o dedo pronto no gatilho da espingarda. A embarcação penetrava por entre uns espessos caniços, na linha divisoria entre as provincias de Pisa e de Lucca, quando, de repente, a vegetação abriu-se e surgiu a proa de outro barco.

Tripulavam-no dois carabineiros:

— Alto lá!

— Estamos bem arranjados! — murmurou o companheiro do maestro.

— Que estão fazendo os senhores, pelo lago, de espingarda em punho? — perguntou severamente um dos policiais.

— Passeavamos — respondeu candidamente Puccini.

Bem. Tenha a bondade de me dar seu nome.

— Giacomo Puccini, musicista...

O "maresciallo", perfeitamente impassivel, escreve em um "carnet" o nome do maestro. Gengino deu, igualmente, seu nome e sobrenome, feito o que os dois caçadores foram deixados em liberdade.

Pouco tempo depois deste incidente, recebeu o maestro a intimação respectiva. Puccini e seu companheiro tiveram que responder à "Pretoria dei Bagni San Giuliano", por infracção à lei que proibe terminantemente a caça durante o periodo de seu encerramento. Gengino está preocupado; Puccini alguma coisa, tambem... De resto o autor de "Manon" entregou sua causa a dois advogados muito eloquentes, em

quem depositava a maxima confiança.

No dia dos debates os dois advogados falaram durante horas provando a "gaffe" dos dois zelosos policiaes, que tinham tomado por caçador clandestino o maestro Giacomo Puccini, uma das nascentes glorias do teatro lírico italiano e seu respeitavel companheiro Gengino. O acusados, como era natural, foram absolvidos, o que deu lugar a uma manifestação de regosijo por parte dos numerosos admiradores do maestro, e à seguinte arguta observação de Gengino:

— Ah, nada como a **sabedoria**! Si o maestro fosse um pobre diabo como eu, acabariamos na cadeia tanto um como outro. Mas é justo. Ele é um **sabio** e por isso merece a absolvição.

Outra característica do temperamento pucciniano era a eterna insatisfação do maestro a respeito de libretos. Quantos e quantos calhamaços de papel não foram lidos, discutidos, aceitos, em parte ou de todo e. finalmente, postos... à margem!

Depois de sucésso de "Edgard", o grande músico tornou-se intransigente para com o "símbolo".

— Não — dizia — nunca mais me apanham em semelhante esparrela... Ferdinando Fontana, depois de "Villy" impuzera-se ao maestro, completamente. Puccini, sentia muita vez, trabalhando, que o convencionalismo dos personagens estava em irritante contraste com sua propria sensibilidade, que era clara, aberta, sincera. Daqui sua libertação...

E eis, alguns anos depois, a "Manon", isto é, o triunfo... sem simbolismo!

Certa vez... tratava-se de "Tosca", Giacosa e Illica tinham posto mãos à obra; depois da grande prova da "Boheme" não era licito pôr em duvida a impressão que o novo libreto causaria sobre o espirito do maestro. Mas sucedeu justamente o contrario. A primeira edição de "Tosca" pareceu não satisfazer completamente o maestro. Procurou Giulio Ricordi, o conhecido editor musical italiano a quem disse mais ou menos o seguinte:

— Parece que a respeito da Tosca nada faremos. Renuncio ao **libreto.**

Mais tarde, porém, arrependeu-se. Chamou Illica. Expoz-lhe suas idéas e o arrependido que estava em ter renunciado a musicar aquela opera.

— Mas — respondeu o poeta — quanto a mim, com o maior prazer t'á cederia; ha só um obstaculo. É que o libreto já não está comigo. Entreguei-o a "fulano"...

Fulano, por sua vez, não parecia estar muito satisfeito com o libreto. Para obriga-lo a desistir definitivamente era necessario uma obra de demolição que Illica levou a efeito, atrozmente. E uma bela manhã o poeta apareceu em casa de Puccini:

— Não percas um minuto — gritou ele ao maestro — corre à casa de Giulio Ricordi: Fulano acaba de lhe devolver o **libreto** da Tosca.

E foi assim, que "Tosca" voltou às mãos de Puccini.

Era, como se vê, dificil de contestar a respeito de **libretos**, o autor de "Gianni Schicchi".

E quando alguem lhe perguntava que é que desejava, o que aspirava, o que queria, enfim, muito tranquilo ele respondia:

— Quero um **libreto** que consiga comover o mundo!

Pouca coisa, como se vê.

Departamento Social e de Informações de "RESENHA MUSICAL"

Brevemente dará início às suas atividades, o Departamento Social "RESENHA MUSICAL".

De suas futuras atividades, constarão conferências e recitais para os assinantes de RESENHA MUSICAL. Estas realizações artísticas, serão oferecidas sómente aos assinantes que participarem do quadro do Departamento Social. Não poderão figurar no referido quadro, pessôas que não sejam assinantes de RESENHA MUSICAL.

AOS CONCERTISTAS

RESENHA MUSICAL avisa a todos os concertistas em geral (pianistas, violinistas, violoncelistas, etc), que o seu Departamento Social se prontifica a preparar seus concertos em São Paulo.

Uma vez entregue ao Departamento Social de "RESENHA MUSICAL", a organização dos concertos, os srs. artistas poderão livrar-se desse exaustivo trabalho, evitando desperdicio de tempo e de energias.

Peça-nos informações a respeito.

AOS ESTUDIOSOS E AMANTES DA MUSICA

RESENHA MUSICAL facilitará aos seus assinantes, leitores e amigos, todas as informações que desejarem sôbre compra de livros, métodos, músicas, rádios, vitrolas, discos, instrumentos musicais e acessorios. Para esse fim, possue um Departamento de Informações, do qual fazem parte "virtuoses", professores, músicos e técnicos.

Procure conhecer o serviço rápido e completo do nosso Departamento de Informações.

AOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO ARTISTICO

RESENHA MUSICAL, afim de facilitar aos estabelecimentos de ensino artístico do interior do Estado de São Paulo, que estão sujeitos ao Decreto Estadual que regulamenta o ensino artístico e que ainda não providenciaram o seu registro no Conselho de Orientação Artística do Es-

tado, pelo seu Departamento de Informações, se prontifica a dar todas informações necessárias, assim como providenciará o encaminhamento dos papeis.

Escreva-nos, que o Departamento de Informações de RESENHA MUSICAL, está apto a prestar todas as indicações necessárias.

RESENHA MUSICAL — Colecções do 1.º e 2.º anos

Temos à venda em nossa Redação, coleções encadernadas do 1.º e 2.º anos de vida da nossa vitoriosa RESENHA MUSICAL, cujos números de ha muito estão esgotados.

Preço de cada coleção .. 15$000
Pelo correio, mais ...... 1$000

AOS ESTUDIOSOS E AMANTES DA MUSICA

V. S. deseja possuir em vossa bibliotéca uma preciosa coleção de retratos em tamanho cartão postal de artistas, compositores, regentes, musicistas, musicólogos, críticos, etc., nacionais? Então faça-nos um pedido da Série A, composta de retratos dos grandes vultos do meio artístico nacional:

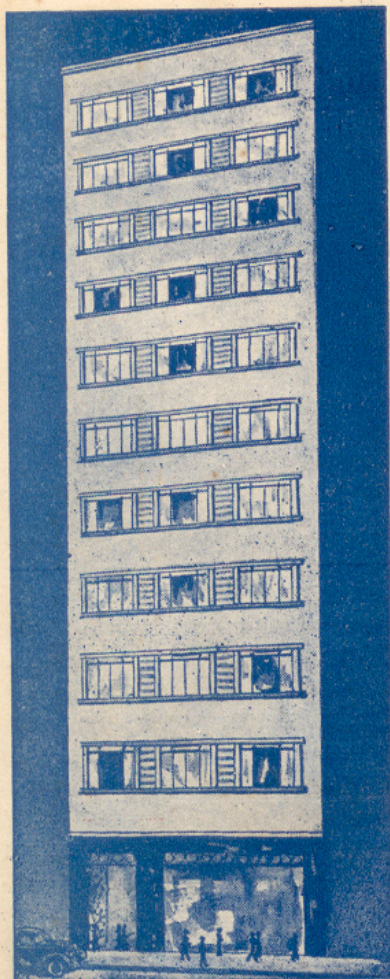
Alonso Anibal da Fonseca (pianista);
Artur Pereira (compositor);
Barroso Netto (compositor);
Frutuoso Lima Viana (compositor e pianista);
Francisco Manuel da Silva (compositor);
Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (musicólogo e crítico);
Samuel Archanjo dos Santos (musicista);
Raul Laranjeira (virtuose do violino).
Brevemente, Série B.

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÕES DE "RESENHA MUSICAL"

V.S. deseja enriquecer sua bibliotéca com livros sôbre Historia da Música Brasileira, Historia da Música, Folclore nacional, biografias dos grandes músicos, etc.?

Escreva-nos hoje mesmo para o Departamento de Informações de RESENHA MUSICAL, que este lhe endereçará todas as informações desejadas.

•

V. S. deseja possuir retratos, autografos ou manuscritos dos virtuoses ou professores, atualmente em São Paulo? Escreva-nos. RESENHA MUSICAL atenderá com solicitude.

Majestoso

Edificio Itaíba

Rua Conselheiro Crispiniano, 79

em cujo
8.º andar
está instalada
a Redação de

Resenha Musical

no genero, a revista de maior
circulação no paiz e no exterior.

●

Diretor: Prof. Clovis de Oliveira

Rua Conselheiro Crispiniano, 79
SÃO PAULO

Permuta

Leia e assine
RESENHA MUSICAL
Assinatura anual
20$000

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuoj.
Deseamos estabelecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nous désirons établir l'égange avec les revues similaires.
We wisn to establish exchange with similar reviews,
Wir wuenschen den Austausch mit ashnlichen.
Berufszeitschriften eizurichter

Resenha Musical
R. Conselheiro
Crispiniano, 79
— 8.º andar —
SÃO PAULO